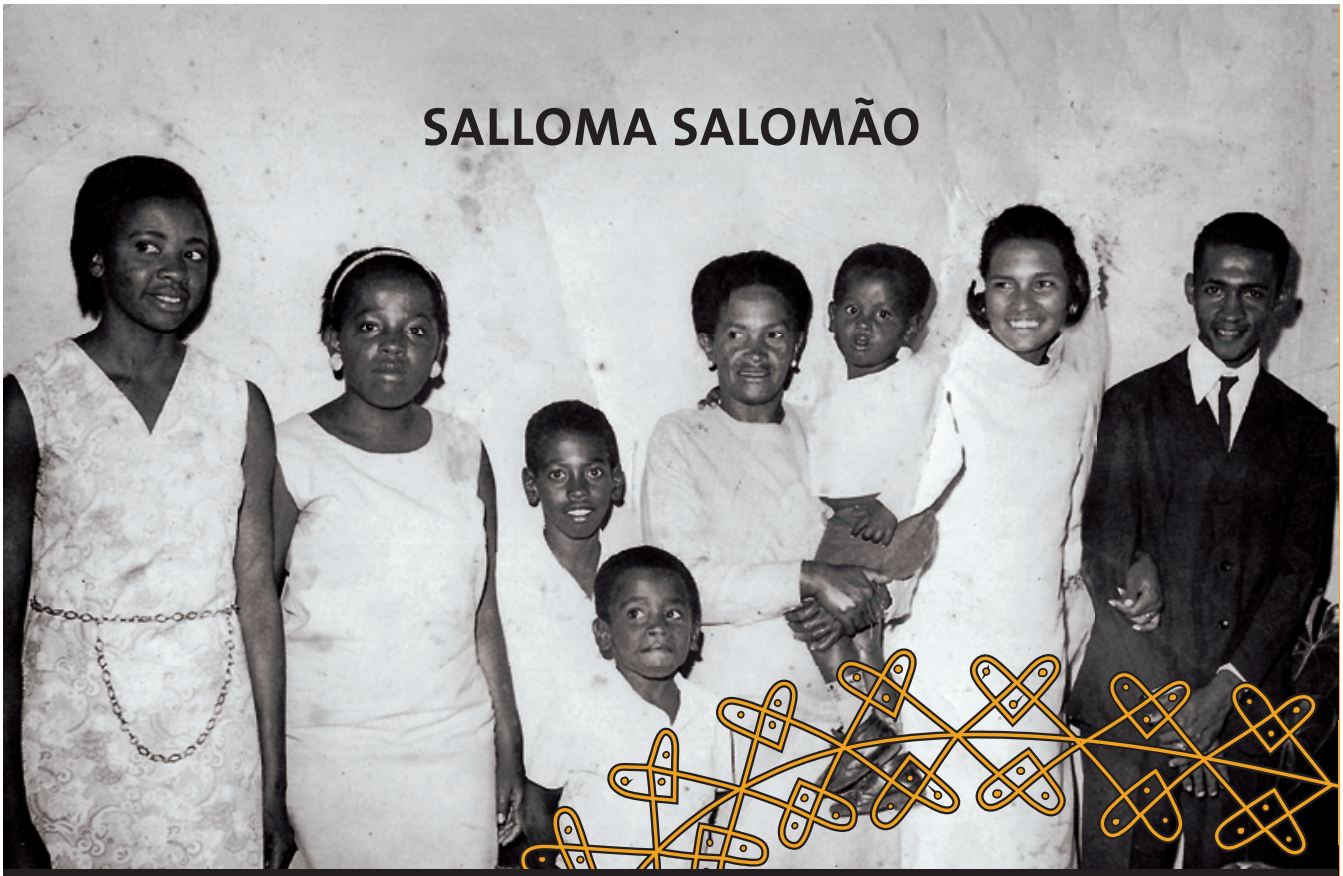
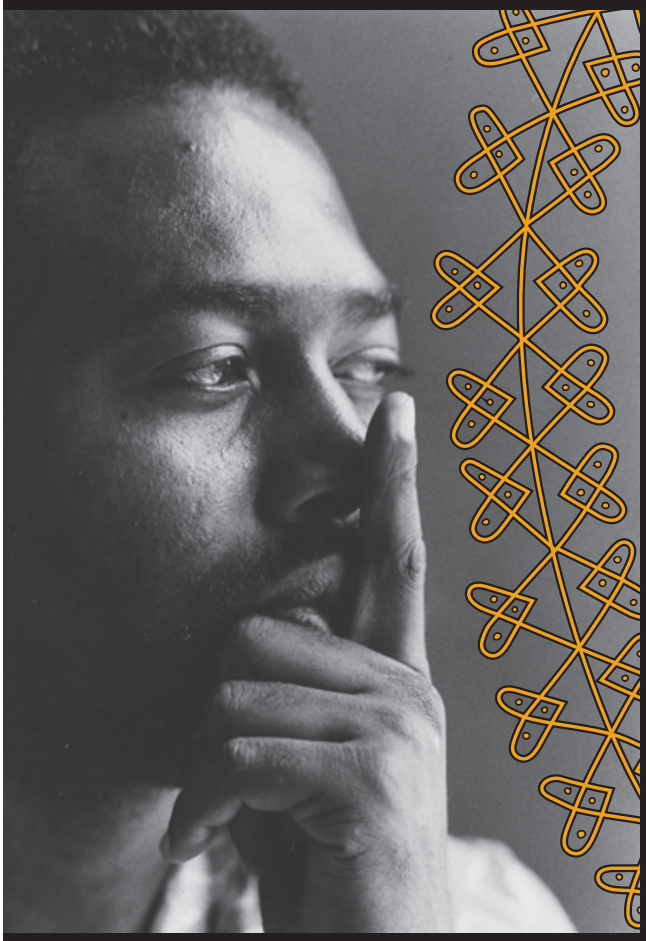
SALLOMA SALOMÃO



14 M 1/60 F 2.8 +0.7 EV (↑) ----MM



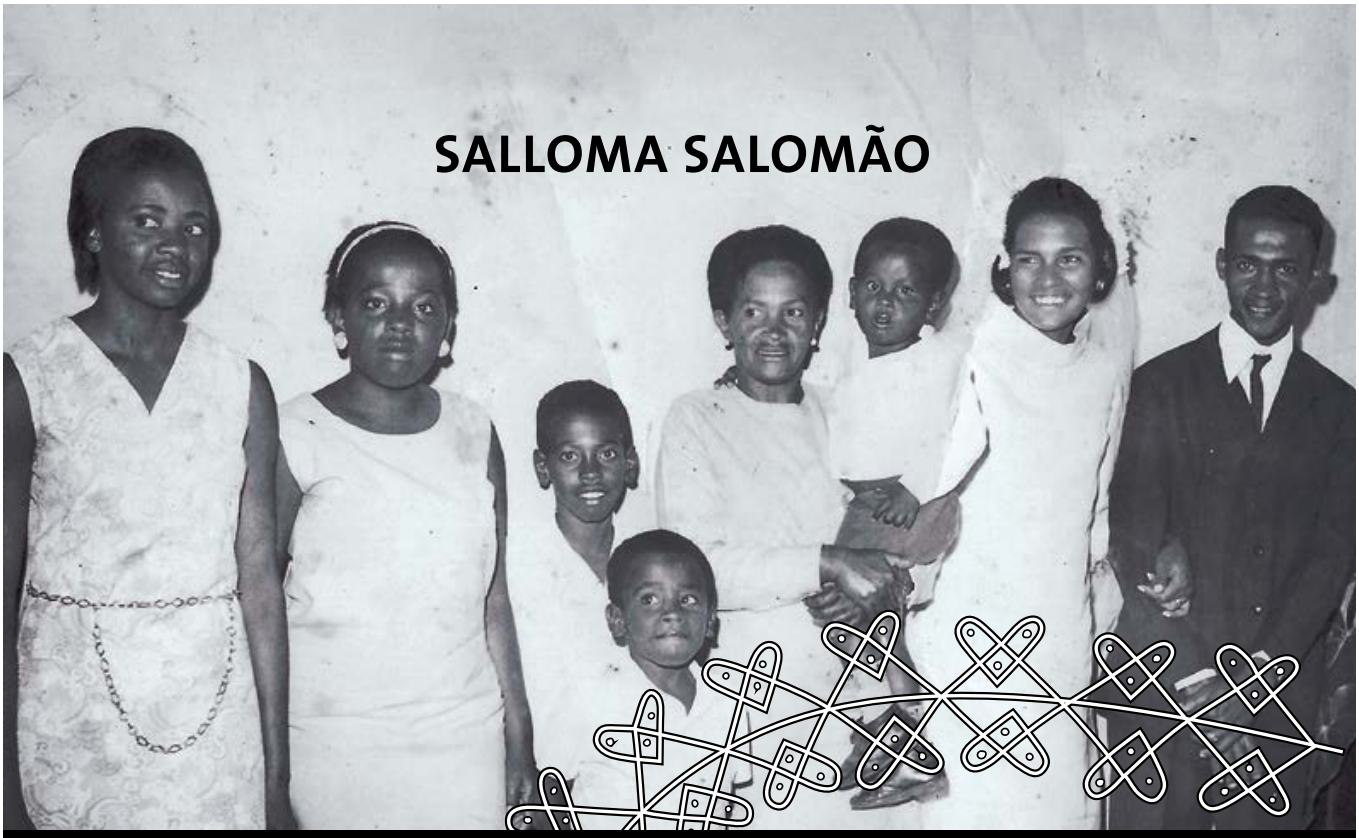
21 M 1/120 F 3.2 +0.7 EV (↑) ----MM

Pretos, Prussianos, Índios e Caipiras

CULTURAS E IDENTIDADES, MEMÓRIAS E INVISIBILIDADES HISTÓRICAS NOS ARREDORES DA CIDADE DE SÃO PAULO. SÉCULOS XVIII AO XXI

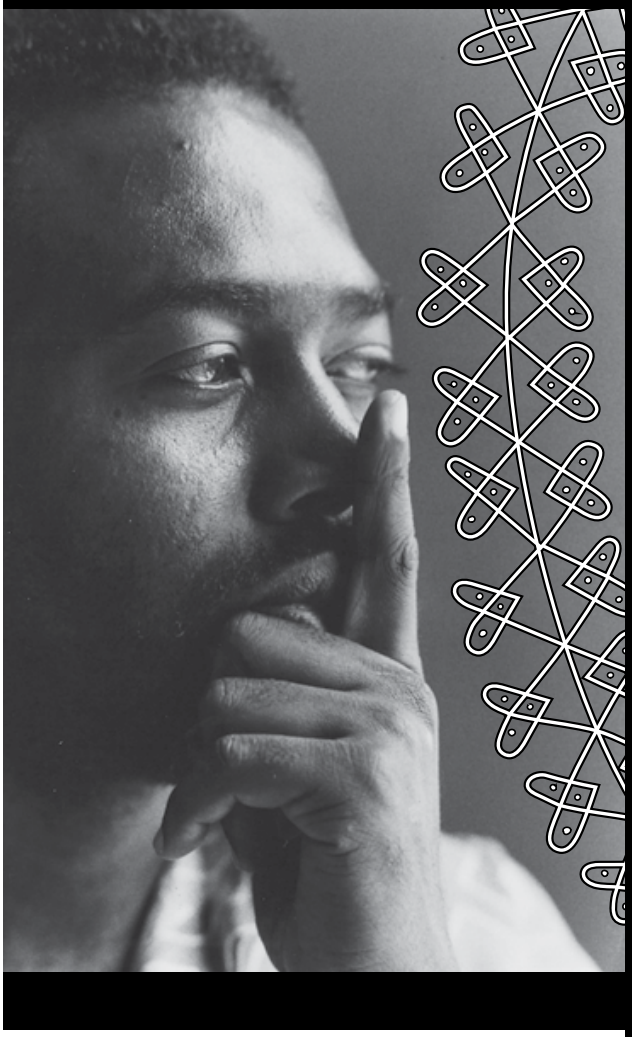
LIVRO I- BIOTRAJETÓRIAS 1961-2021

ARUANDA MUNDI



SALLOMA SALOMÃO

14 M 1/60 F 2.8 +0.7 EV (↑) ----MM



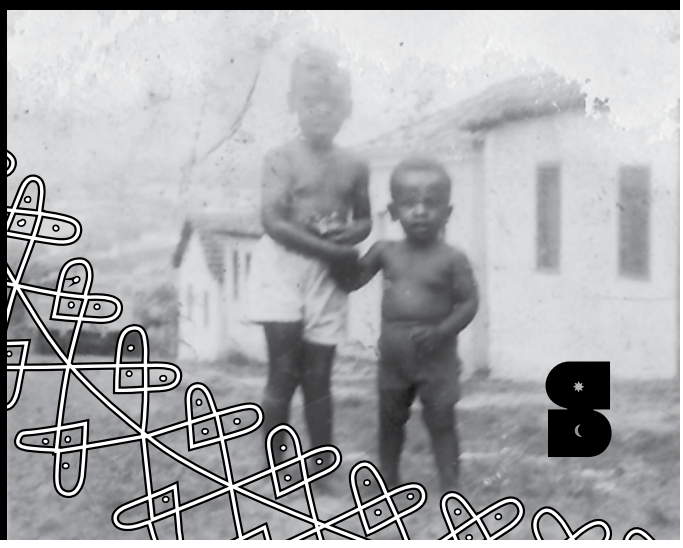
ARUANDA MUNDI

21 M 1/120 F 3.2 +0.7 EV (↑) ----MM

Pretos, Prussianos, Índios e Caipiras

CULTURAS E IDENTIDADES, MEMÓRIAS E INVISIBILIDADES HISTÓRICAS NOS ARREDORES DA CIDADE DE SÃO PAULO. SÉCULOS XVIII AO XXI

LIVRO I- BIOTRAJETÓRIAS 1961-2021



Ficha técnica

© Salloma Salomão, 2021

Itapecerica da Serra. São Paulo Aruanda Mundi- 2021

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Cassimano

Restauração digital: Cassimano

Revisão técnica: Maria Ferreira

Produção, Marketing e Distribuição:

Aruanda Mundi- Flávia Rodigues Jovino da Silva,

Luiza Rodrigues Jovino da Silva.

Episódios videográficos na rede web: Cine Becos:

Fernando Solidade e Diego Soares

Concepção, pesquisa iconográfica e texto:

Salloma Salomão Jovino da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salomão, Salloma

Pretos, prussianos, índios e caipiras : culturas e invisibilidades históricas nos arredores da cidade de São Paulo : Séculos XVIII e XIX : biotrajetória / Salloma Salomão. -- Itapecerica da Serra, SP : Ed. do Autor, 2021. -- (Pretos, prussianos, índios e caipiras)

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-32297-2

1. Antirracismo - Brasil 2. Caipiras - São Paulo (Estado) 3. Escolas públicas - Aspectos sociais 4. Índios - América do Sul - Brasil 5. Itapecerica da Serra - História 6. Negros - Brasil - História 7. São Paulo (Cidade) - História I. Título. II. Série.

21-85145 **C D D - 9 8 1 . 6 1**

Índices para catálogo sistemático:
1. São Paulo : Cidade : História social 981.61

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Afundei o navio negreiro do coração,
Não me sinto escravo de nada, sei nadar.
Mas ele ainda singra na memória
Como o sangue derramado no mar

Do além-mar no sul do Gabão,
a dor que se vê na pele vai te afogar,
e ainda que falte a ar à história
uma rima me faz respirar (...)

Poeta Sérgio Vaz

Agradecimentos

Essa é uma tarefa sempre ligada a um profundo sentimento de ingratidão para com alguém cujo nome não foi lembrado e ou grafado. Apesar disso começo agradecendo a ao Incriado N'Zambi e todas Inkisses que habitam esse e os outros mundos. Agradeço também à Tetra Vó Jovina Maria das Gerais oitocentista e todas linhas mitocondriais diretas que desaguaram em mim. Agradeço pois, aos Jovinos das gerações anteriores e especialmente minha mãe que me ensinou a manter a alegria e raiva internas bem integras. Agradeço a companheira de jornada Ana Cristina e as nossas crias diretas Gabriel, Anna, Luiza e Flávia. Ainda penso ser sobre como posso ser grato as crias das crias, Otávio, Miguel e Heitor pelo simples fato de existirem, nesse mundo ao mesmo

tempo que eu, de alguma forma me instigando a ter fé no mundo do porvir. Agradeço as minhas irmãs Margarida e Regina pelo apoio e cuidados desde a infância, mas também pelo acesso ao seus acervos fotográficos. Aos sobrinhos Tatiana Melo, Jean Pierre e Janise Silva, que ajudaram a levantar materiais fotográficos já quase desaparecidos, dos irmãos mais velhos. Aos amigos Alex Ribeiro e Helder Girolamo Scantamburlo pela disponibilização dos seus acervos pessoais.

Agradeço a Neide Almeida, Elizabete Oliveira pela leitura das primeiras páginas, assim como Silvia Tavares e Iones Jovino por seus lindos textos. Por fim sou imensamente grato a Maria Ferreira pela revisão, Cassimano Nanau pela arte e diagramação e Fernando Solidade pela pesquisa e produção videográfica da campanha de divulgação.

Sou profundamente agradecido as trezentas pessoas, aproximadamente, que adquiriram antecipadamente o livro, confiando em mim e meu trabalho.

Sumário

9 Prefácio

17 Artes e imagens, culturas e educação: atravessando pontes

53 O chão onde se constrói a vida, também se canta. Uma história do agora, agora

105 Além de Santo Amaro e Itapecerica: vivências e culturas das beiras da metrópole

155 Migrações e desterros, negritudes familiares e escolarização pública

209 Escolarização pública, socialização artística e o barco frágil dos afetos

237 Germânia caipira e Mombaça quase sumida: raça, racismo e relacionamento inter-racial em São Paulo

283 Referências bibliográficas e discográficas

PREFÁCIO

Diz-se que um bom prefácio, aquele que deve cumprir a função de abrir caminho para a leitura da obra, deve ser escrito por uma boa referência da área ou por alguém famoso ou famosa. Assim, a recomendação da obra ganharia credibilidade.

Deveria eu, humildemente, iniciar com um pedido de desculpas por não ser referência na área e nem famosa. Como se isso não bastasse, coube a mim apresentar o autor e a obra, sendo o autor também meu irmão. Filho de Ana Silva e Antônio Jovino, Salomão Jovino da Silva, chamado também de Salloma, Salloma Salomão, chega aos sessenta anos se desafiando a virar vento e trazer novos projetos, novas produções, novas invenções e diálogos.

Voltando as funções do gênero prefácio, diz-se também que uma celebridade, ao prefaciar, apresenta o iniciante escritor ao mercado e ao público, atiçando a curiosidade do mesmo, dando pistas sobre o conteúdo, destacando as mirabolâncias e peripécias do aventureiro que se joga ao mar da escrita. Também vi por aí que o prefácio pode afastar leitores e leitoras da obra, pode adiantar detalhes que não seriam necessários a princípio. E foi assim que descobri a difícil arte de redigir um prefácio.

Salomão vem há tempos lançando uma inquietante questão: que cidade te habita? Por vezes acompanhada de imagens, essa pergunta ressoa pelos arredores que ele

vai indicando, questionando, cutucando. Gosto do verbo cutucar, que mesmo informalmente, serve para indicar o modo como Salloma escreve: crítico, ácido, sutil em suas cutucadas.

Assim, cutucando, vamos passeando pelo livro e pelas "lugaridades" apresentadas, pelos lugares que são escolhas ou falta delas. Pelos lugares por onde a vida sentida e vivida reverbera, transpassada pelos racismos antinegro e anti-indígena, lembra Saloma. Ao som da música negra urbana periférica, ele vai cutucando no melhor estilo leonino-mineiro e quase nada escapa: política, políticos, supostos filósofos, pesquisadores enciclopédicos ou eruditos. Isso enquanto ressalta a existência de materiais a serem explorados. Materiais que resistiram porque foram guardados por pesquisadores assistentes, como a tradutora e folclorista Ruth Guimarães, na condição de pesquisadora auxiliar de Mário de Andrade.

Historiador, Salomão vai costurando, entremeando memórias pessoais, leituras de documentos e contexto histórico. Assim, saí de casamentos para velórios, de festas para pequenos lances de tragédias reais. Viaja da "Parochia de Itapecerica Município da Vila de Santo Amaro Província de São Paulo" para as beiras das represas Billings e Guarapiranga. Sua narrativa alcança o casamento de Donana e Sontonho, então com 16 e 25 anos, respectivamente, no ano de 1946, em Boa Esperança, sul de Minas Gerais. Ana, Antônio e seus dez filhos amarram o tempo de quase cem anos de vidas negras. Vez ou outra os arredores de Itapecerica e Santo Amaro, São Paulo, se cruzam com caminhos asfálticos e linhas férreas de Minas/São

Paulo, costurando nas memórias episódios ordinários de gente como nós.

Meu irmão Salomão traz facetas de uma história familiar que descobri só agora, posto que as diferenças de idades nos permitem (re)conhecer nossos pais e narrativas familiares em tempos não concomitantes. Eu não conhecia o pai que trabalhava em São Paulo e visitava a família em Passos, Minas Gerais. Mas eu, teimosamente, me insiro na parte da narrativa em que Donana insiste na mudança para São Paulo. Nos anos que por lá a família ficou, nasci eu, temporã ou "raspa do tacho", quando ela já tinha 43 anos, 6 filhos e 3 filhas. Parque Santo Antônio e Vila Santa Catarina são nomes que sempre passearam nas minhas memórias, sem muita parada, sem sustância. Algumas outras palavras soltas, relances imagéticos de um terreiro de umbanda e um nome: Dona Geralda. Um terreno com uma entrada de terra e uma casa de madeira ao fundo, gente entrando e saindo, o Largo Treze, a Loja do Baú, um quarto de empregada que se acessava subindo uma escada ao fundo de uma grande-casa-branca em Moema? São imagens que me vêm já quase como borrão, bem no fundo das lembranças, ou seriam imagens criadas a partir das narrações nas conversas familiares?

É certo que muitas dessas lembranças distanciadas também se entrecruzam em alguns pontos. Antonio Jovino como homem contido, de poucas palavras, grande conhecedor dos escritos bíblicos eu também conheci. Apreciador de um gole de cachaça antes do jantar, para abrir o apetite, embrulhava a garrafa em papel, punha no embornal e se dirigia a venda mais próxima uma vez

ao mês. A garrafa, escondida, só era manuseada por ele no horário de comer. O jantar, terminado antes de ouvir religiosamente "A Voz do Brasil", num rádio de pilha no quarto, ou no aparelho velho da sala. Antes ou depois disso, um som de violão que sempre irrompia os vazios casa. Sonoridade que somente em 2017 (re)conheci a origem e nome, em virtude das comemorações do centenário de composição do tango "La Cumparsita", do uruguaio Gerardo Matos Rodríguez. Mas de manhã, o som era outro, com a voz de Donana, duas imagens-palavras-sons reverberam forte: "Vão acabar com a Praça Onze ( ) guardai os vossos pandeiros, guardai, porque a escola de samba não sai" (Grande Otelo e Herivelto Martins, 1942) e "Acorda, Maria Bonita, levanta, vai fazer o café, que o dia já vem raiando e a polícia já está de pé" (Volta Seca, 1957).

Músico, Salloma invoca nomes. Sim, assevera: "Aqui as pessoas têm nomes". Escuta poemas e sonoridades outras vindas de "timbres africanos ouvidos e registrados por Gama, como por exemplo, sons de Urucungos, Marimbas e Candimbas". Luiz Gama, nome de abolicionista, poeta, nome de rua dado ainda no final do século XIX. Conceição Evaristo (2020) retoma, numa perspectiva afro-brasileira, a noção de que tudo é palavra e que é necessário observar, escutar. A escrita/escuta, a escrevivência é do corpo, está no corpo em suas múltiplas modalidades e engenhosidades, também disse ela. A escrita de Saloma é sonora, engenhosa, corpo-negro, marcado de vivências individuais e coletivas, corpo não escrito, sobretudo vivido.

Conceição Evaristo nos ensina também que "A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os

da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos". Desta forma, sem rodeios e com metáforas, o livro nos cutuca e nos mostra como "tudo é diferente da ponte pra cá" (Racionais MC's, 2002). E se tudo aqui vale e as pessoas têm nomes e lugares, um aviso importante é dado por Salomão nas primeiras páginas: é um livro sobre política. Caso não queira falar sobre isso, volte duas casinhas antes de começar porque "tem que ter pra trocar, o mundo é diferente da ponte pra cá"!

Ione da Silva Jovino, uma fã-irmã. Ione da Silva Jovino. Preta, mãe e avó. É formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente, pesquisadora e extensionista na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Núcleo de Relações Etnicorraciais, Gênero e Sexualidade da UEPG e do Laboratório de Estudos do Texto.

Descrição: Família Jovino. Casamento de Marina. Bairro da Penha, Passos-MG. Provavelmente 1968. Da esquerda para a direita: Margarida, DuSantos (falecida em 2014), Salomão Jovino da Silva, João Batista Jovino da Silva, Ana Silva (mãe, falecida em 1997) com Daniel no colo. Marina e ?

ARTES E IMAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO: ATRAVESSANDO PONTES

Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar. Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu? Se é o crime ou o creme, se não deves não teme. As perversa se ouriça, os inimigo treme. E a neblina cobre a estrada de Itapecerica. Sai, sai, sai, sai, sai. Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá zica. Não adianta querer, tem que ser, tem que pá. O mundo é diferente da ponte pra cá. Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar. O mundo é diferente da ponte pra cá.

Racionais Mc's

A cidade atrai e guarda pessoas com os mais diferentes níveis de renda, e a modernidade não é extensível a todas. Os pobres são guardiães da cultura exatamente porque não têm acesso à modernidade, às modas; eles são muito ligados ao que há de profundo, do que surge da relação íntima com o território.

Milton Santos

> Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abarcar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com "plateia, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termos, pois nosso trabalho não é espetáculo. Por outro lado, esse trabalho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes se engajar cada vez mais, se tornar parte ativa do aprendizado.
>
> **bell hooks**

Lá da nossa primeira fase mineira, retivemos de nós mesmos aquela imagem em preto e Branco. Festa de casamento de uma moça chamada Marina. Uma ex-namorada do Jansem, que havia se tornado amiga da família. Pães de queijo com fatias carne de porco e outros tantos quitutes e docerias, na mesa farta, posta numa tenda de lona armada no quintal. As matronas negras nos seus ofícios culinários, segredos de boca a boca, muitas vezes durante uma semana e tanto debruçadas sobre a limpeza das frutas do tempo, na feitura de massas de larga espera, lavando e secando vidros para por conservas. Talvez nem tenha sido exatamente lá, mas foi em algum lugar por aqueles tempos, aquelas imagens e cheiros de infâncias.

Mas também havia riscos e rusgas. O controle sobre o ímpeto das crianças, que deveriam demonstrar aos convidados a educação modelar de uma família negra, pobre, reta e limpa. Isso sob a ameaça de uma reprimenda

exemplar ao voltar para casa. Gula jamais, mesmo quando o refrigerante industrial ficasse borbulhando na boca antes mesmo de alcançarmos a garrafinha. Havia lá e aqui ainda há uma luta silenciosa contra blocos incessantes de estereótipos vindos dos outros. Toda pessoa branca é humana, mas a negra é quase sempre um depósito de defeitos ambulantes.

Num quarto da casa os convidados depositavam os presentes como uma forma de desejar vida próspera ao casal. Ritualística de gente preta. Horizontalidade da pobreza, reinvenção dos laços de reciprocidade advindos da cultura congolesa no Brasil. Ancestralidade pode estar na cultura e não necessariamente em laços de sangue.

Migrando. A vontade de ir embora, fugir. Antes, moramos como colonos (meus pais trabalhadores braçais em tempo integral) na Usina Açucareira que fica a uns 8 quilômetros da cidade mediana. Não se sabe quanto do salário de ambos era descontado na caderneta onde se anotavam os produtos comprados na venda da própria usina. A seguir meus pais foram caseiros da igreja presbiteriana, por isso moramos um tempo lá. Depois o bairro Nossa Senhora da Penha em Passos-MG. Qual a sua história familiar do pós abolição?

Como as famílias pretas lidaram com sua própria imagem por meio de tecnologia fotográfica? Essa escrita de si por meio da imagem e sua relação com memória social e familiar me intriga e desafia.

Passos, naquele tempo de minha infância, possuía em torno de 20 mil habitantes. Meus pais migraram de outra cidade próxima chamada Boa Esperança,

provavelmente em um ano em que a safra de café sofreu com a geada e a colheita minguada pressionou uma leva de jovens casais de trabalhadores/as rurais a fugirem para outra zona não tão longe a ponto de dificultar o retorno. Toda região em torno da represa hidrelétrica de Furnas e nas margens do Rio Grande, próximas à Serra da Canastra ao longo do século XX, se tornou exímia na produção de café, cana e gado. Lugar de gente branca muito rica onde antes havia o Quilombo de Campo Grande. E nós?

Milton Nascimento escreveu: *No sertão da minha terra, fazenda é o camarada que ao chão se deu. Fez a obrigação com força, parece até que tudo aquilo ali é seu.*

Lavrar o chão, não tem valor para quem faz, só a mais valia do produtor. Olhar para trás e tentar entender que tipo de imagem causa ainda dor. Pensar também sobre tudo que poderia ter sido, se assim não fosse.

Por volta de 1976, já adolescente, em São Paulo, durante as férias escolares, acompanhava meu pai na construção da casa de Regina, minha irmã mais velha, numa dessas áreas na periferia da cidade de Embu (Jardim Santa Emília), na fronteira com os fundos do Capão Redondo e Campo Limpo. Tudo zona sul.

Descrição: Cinco Mulheres negras em festa de beleza negra do Clube Dançante Garitão em São Paulo na década de 1960. Da esquerda para a direita: A mana Regina Antônia da Silva, que migrou para São Paulo com apoio dos parentes e num círculo de relações da Igreja Presbiteriana obteve emprego de doméstica na residência de um pastor. Aposentou-se como copeira numa empresa de produtos agrícolas. Gerou uma filha com José Antônio do Nascimento, originário de Pains, região de Formiga (MG). Foi alfaiate e funcionário público, falecendo em 2020 na cidade de Embu das Artes. Autoria ignorada.

A grana era curta, então íamos a pé do Parque Santo Antônio até lá. Não devia ser tão divertido quanto dançar ou jogar futebol. Mas, meu pai foi um bom amigo e provavelmente me deu algum dinheiro. Tenho uma memória um pouco frágil dessa fase, mas me lembro que ia me contando histórias longas no caminho. Histórias de sua juventude em Boa Esperança, vitórias da luta contra o demônio de saia que encontrou num baile, na roça em que ele e José, seu irmão mais novo, foram tocar e cantar certa vez, lá pelos lados do Córrego Fundo, nas redondezas da cidade de Boa Esperança. A demônia tinha pés de bode. Pode?

Numa batida ritmada atravessamos pelos fundos do Campo de Fora, Clube do Banco do Brasil, Vila Prél, passamos pelo córrego Capão Redondo ou Moinho Velho. Subíamos com bom fôlego o morro da Estrada do Campo Limpo e íamos numa batida só. Geralmente a volta que era mais lenta e penosa. Alquebrados do dia longo. Nem sei porque estou contando tudo assim com minúcia.

É possível que alguns de vocês pensem sobre isso. Quero dizer, sobre a importância ou ausência do detalhe em torno das coisas ordinárias e de uma vida igualmente comum. Por exemplo, isso que narrei acima. Sobre a proximidade de um filho com seu pai, sem que isso implique em algum tipo de parábola ou lição moral. Meu pai era um homem negro nascido em 1921, qual seja, da segunda geração pós-escravidão. Eu pertenço à terceira, nasci em 1961.

Essa proximidade temporal com a escravidão parece ter tido implicações objetivas/subjetivas de várias ordens. Mentalidade, cultura, imaginário e psiquismo. Eu sinto

que houve um leve deslocamento comportamental de uma geração para outra. Quero dizer, observei meu pai algumas vezes dirigir seu olhar para baixo, amolecendo as pálpebras ao fixar os olhos no chão por algum tempo. Como se quisesse transmitir uma mensagem sutil de rebaixamento ao interlocutor/a, especificamente quando ele tratava com pessoas brancas. Não ricas, mas gente de classe média envolvida em algum tipo de poder ou condição de mando.

Embora haja um homônimo de meu pai, que é nome de rua na parte menos nobre do bairro do Morumbi, ele, o meu Antônio, não foi artista e nem marginal, não teve fama, glória ou prestígio que justifique escrever tantas linhas sobre sua persona. O mesmo sobre a figura delicadamente complexa de minha mãe, então escrevo no intento de desvelar e reanimar em mim suas passagens, suas imagens e suas memórias. Pode alguém negro pensar em primeira pessoa por escrito?

Você pode muito bem dizer assim: "Se esse cara escreveu e publicou um livro para falar de pobreza, favela, gente preta, busão, periferia, escola, gente comum... Eu também posso fazer um". E é evidente que pode. Eu e você não somos os únicos nesse tipo de desejo. Aliás, lembre-se "você precisa saber de Carolina", como recomendou cantando Caetano Veloso[1] na música "Baby". Carolina Maria de Jesus[2]. Mas também lembre-se de Lima Barreto,

1 VELOSO, Caetano. Baby. *Tropicália, ou Panis et Circensis*. Brasil: Philips Records, 1968.

2 Carolina Maria de Jesus, escritora, foi dramaturga, compositora e poeta negra, originária do interior de Minas Gerais. Favelada e

Ferréz, Paulo Lins e Allan da Rosa, mais recentemente. Lembre-se também de Raquel Almeida, Neide Almeida, Elisangela Mijiba, Priscila Obaci e Carmen Faustino.

A indústria livreira nos trata da mesma forma indiferente que a elite acadêmica. A diferença atual é a emergência de universo de leitores/as das classes baixas, talvez resultados de maiores índices de escolarização geral e do trabalho épico exercido pelos saraus[3], clubes de leituras e pequenas editoras espalhadas por todo território. Os dados que indicam essas mudanças culturais são difíceis de se obter. Aqui faço apenas exercícios empíricos.

Um dos promotores de saraus na periferia, já falecido, que é o Mário Pazini, ele, inclusive, disse isso numa

---

catadora de materiais recicláveis, ganhou prestígio ao ter seus escritos autorais revisados e publicados por um jornalista de renome nos anos 1960. Seu principal livro, *Quarto de despejo*, foi traduzido para várias línguas. Há vários estudos, peças e filmes sobre sua vida e obra. Veja: SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

3 Os saraus, de forma geral, são bem complexos, porque permitem aos criadores de literatura oral, via de regra é mais do que da literatura escrita, emitir e veicular materiais e verem o efeito que causam no público. Geralmente esses textos elaborados, principalmente pelos mais jovens, têm muita relação com a cultura Hip Hop, seja do ponto de vista da forma, mas também do conteúdo e da estrutura. As poéticas experimentadas nos saraus tratam de temas presentes na cultura Rap, na cultura negra urbana atual, quase sempre próxima do cotidiano, das ruas e acima de tudo, das redes sociais. Um aspecto que é extremamente conservador, que consiste também em apenas reproduzir trechos de obras já consagradas da literatura escolar ou canônica. Em muitos aspectos predominam o exibicionismo, o narcisismo, a autopromoção, mas vejo nisso também uma forma de compensação à invisibilidade cultural das classes subalternas.

conversa nossa. Mário Pazini, originário de Taboão da Serra, diretor de teatro, dramaturgo, mas um jovem branco pobre, então era um jovem branco pobre nos anos 70-80, e ele é quem conta que eram contratados por senhoras da elite para recitar poemas. Eram bons atores, então elas determinavam quais eram os poemas que eles deveriam aprender ou memorizar e esses poemas eram apresentados em saraus da burguesia paulistana em fins de tarde, em chás com gente de família rica. Então eles eram uma espécie de passatempo para essas madames que provavelmente, eu intuo, que também consideravam isso um ato de caridade, permitir que jovens periféricos e educados pudessem ter acesso à alta literatura. Mas essa talvez seja uma memória interditada da origem dos saraus, porque hoje ela não é considerada autêntica ou nobre[4].

A popularização da escrita, a despeito do que pensa o atual ministro da educação, assim como a democratização

4 Particularmente, acho importante fazer esse registro de uma convivência cultural entre as elites e setores subalternos, uma espécie continuidade da catequese, o que não é muito inédito porque Décio de Almeida Prado fala de práticas semelhantes na década de 20 e 30, e expressa uma visão paternalista de que as elites podem oportunizar experiências culturais diferenciadas para as classes subalternas. De alguma forma essa mentalidade, essa ideia de que a catequese cultural iniciada pelos jesuítas ainda tem espaço na sociedade contemporânea, está expressa também em muitos dos projetos culturais desenvolvidos por ONGs, terceiro setor, que se emocionam ao ver uma criança negra tocando violino e não têm, geralmente, nenhum respeito pela cultura musical que as classes subalternas já possuem, e acham que é necessário mesmo impor elementos da cultura musical erudita "para elevar o nível", digamos assim, da cultura das classes subalternas.

da leitura, poderiam ser algo revolucionário na vida de todos os subalternos. Obviamente não são fórmulas mágicas de emancipação. Entretanto, não se pode pensar por escrito impunemente.

Numa sociedade tão bem estruturada nas suas verticalidades, o prestígio vindo do saber escolar tem sido uma das formas mais complexas de manutenção das hierarquias. Pouco se fala sobre os filhos das elites coloniais educadas na Universidade de Coimbra antes de 1822. Os médicos, advogados, engenheiros, sociólogos e mais recentemente os economistas, estão assentados nos melhores lugares sociais e no topo das instituições. Másculos e alvos, eretos e teutônicos, sérios e chefes de corporações, clãs, linhagens e impérios.

Também os militares de alta patente. Cargos como Alferes e Capitães de campo. Desde os séculos XVIII os representantes da coroa e da aristocracia portuguesa instituíram esses códigos de representação da civilidade e do poder. A escrita e a leitura têm sido os mais importantes. Então confesso meu deslumbramento como alguém socialmente subalternizado, para com o objeto livro e com tecnologia sacra do texto. Sinceramente, gostaria de me afastar cada dia mais e mais da escola que frequentei dos sete aos quarenta e dois anos, para talvez assim pintar de uma cor preta bem delineada meu pensamento-texto.

O pensamento é o pensamento. A escrita é a escrita. Já nos disse Tierno Bokar através de Joseph Ki-Zerbo. Temos uma grande sociedade excludente, racista, sexista e autoritária e de um complexo projeto de colonialismo interno. Talvez não devesse publicar um livro que custa caro numa sociedade que em termos gerais quase ninguém

lê, sendo a escolarização formal e a leitura tidas na conta de enormes privilégios de classe e raça . Talvez devesse pegar o conteúdo para e fazer um desses programas para internet chamados de podcasts.

De qualquer maneira podemos reconhecer que nessa sociedade de muitas pessoas sem escola e sem direito a aquisição da técnica de leitura/escrita, esta se tornou uma ferramenta potente de dominação e exclusão e discriminação social/racial. Às vezes no seu contra-fluxo, de emancipação. Mas a emancipação não nasce da aquisição das técnicas de escrita-leitura em si, nem da relação direta entre o texto gráfico e a leitura dos indivíduos/leitores/as. Parece ser necessário a mediação exercida apenas pelas coletividades leitoras-pensadoras-criadoras e as aquisições críticas advindas das socializações dessas mesmas habilidades.

De um lado se nega à maioria a escolarização formal e do outro se despreza essa mesma formação, reservando para uma pequena elite branca majoritariamente masculina os acessos às posições de poder, prestígio e mando. A estranha apologia invertida e dissimulada à baixa e má escolarização natural para os pobres faz parte de uma trama que se perpetua desde o século XIX, mas na atualidade chegou a níveis que beira a aberração ideológica. Um dos ministros de Bolsonaro disse publicamente que, de fato, a escolarização não deve ser para todos e que portanto seu acesso deveria regredir aos tempos de 1964. Talvez até mesmo tempos da Colônia ou do começo da República até a década de 1970, quando mais de 70% da população era absolutamente analfabeta.

Existem vários tipos de saberes, aprendizagens e diferentes formas de escolarização, portanto não é qualquer uma que serve de ímpeto à busca da liberdade e realização social. Em várias situações e contextos vimos o poder de uma escolarização castradora, racista e autoritária como máquina feita para vergar espinhas dorsais, almas consideradas indóceis e corações selvagens. Nesse sentido uma escrita efetivamente transgressora é quase um paradoxo. Quase um jogo de cena, uma negação da negação.

Já há algum tempo li um diário de um jovem pesquisador. Uma espécie de consciência rabiscada, bricolagem de viagens de um cientista social em processo formativo, que me pedia para escrever-lhe um posfácio para um texto a ser publicado. Ali estava alguém que evocando equivocadamente e de forma pouco crítica o antropólogo, cientista inglês Malinowski, cujo diário é um verdadeiro roteiro do pensamento racista do início do século XX, se colocava como herdeiro de uma tradição criada para nos negar a nossa própria condição humana. Me questionava sobre o porquê de um jovem afro-indígena tomar um antropólogo racista europeu como modelo de pesquisa?

Eu realmente deveria escrever um posfácio para seu diário ou simplesmente declinar? A leitora hipotética de seu diário só chegaria ao meu mosaico de perguntas incômodas no fim da leitura. Evidente que o cerne do trabalho apresentava um pensamento autêntico e singular. Mas parecia estar diante de um arquipélago de experiência juvenil num tempo de fluxo neural constante, sob estímulo das mídias, do que uma investigação efetivamente digna de nota.

Argumentei que nós, professores, passamos tempo excessivo ensinando os alunos a obediência e uma sociedade desumanizadora, quando na verdade poderíamos aventar hipóteses sobre outras possibilidades de existência não previstas por essa mesma sociedade.

Conheço muitos/as educadores bem intencionados/as e dispostos/as a correr riscos intelectuais, deslocando e instigando a atenção de seus alunos/as para irem além do protocolos nas produções pesquisas e reflexões. Supondo que no futuro possamos nos desvencilhar por completo da cultura acadêmica convencional e eurocêntrica.

Conheço muita gente na universidade que nunca foi pesquisador/a de gabinete de curiosidades. Tendo a me aproximar mais daqueles que sempre buscam o pensamento articulado com a ação criativa/social e política. Agora mesmo tenho me aproximado de gente que anda de braços dados com jovens afro-indígenas num lugar/norte cujas fronteiras temos chamado de Brasil. Trata-se de gente tenaz que, desprezando o gesto de perversidade das elites atuais, parece querer cumprir da melhor maneira que pode, as tarefas de mudança em fluxo que colocaram para si mesmas, independente da tendência geral de conformismo e acomodação vigente.

Por ser educador de escola superior formal e por ter cumprido um longo trajeto como aluno e professor de educação pública, além de formação de professores/as, direi que não me surpreende uma escrita libertária. Mas as possibilidades de leituras várias de um texto gráfico poderiam ser feitas em camadas. Então a publicação desse meu livro pode ser considerada tão somente um

presságio do que está por vir. Quer dizer, na medida em que a cultura letrada deixou de ser importante para as elites culturais ante a mídia digital, nos lançamos sobre ela como um lugar de reaproveitamento, como se fosse lixo ou dejeto industrial.

Fui educado a ver a escrita quase como um fetiche, um feitiço a ser utilizado contra as arbitrariedades da dominação. Mas hoje penso que pode ser apenas uma das possibilidades para conceber e transmitir o pensamento, não a única. Mas como a escolarização continua nos sendo muito cara, ainda há aqui, nessa escrita, um ótimo desafio intelectual, um caminho plausível de formação sociopolítica e criativa para as próximas gerações. Sobretudo para indivíduos capazes de se manterem fora dos sistemas das teleguias estatais e privadas de consumo, egolatria e conformismo.

Além do poder da escrita e da leitura, acreditava piamente na verdade revelada pela câmera-caixa-escura, até que na vida adulta fui obrigado a me deparar com o desvelamento das manipulações fotográficas do Stalin. Ele mandava apagar seus desafetos de todas as fotos oficiais. Justo eu, que acreditava tanto no socialismo prometido pelo Caio Prado Jr. e outros brancos filhos de fazendeiros do oeste paulista. Acreditava muito em fotografia do *Jornal Notícias Populares* e similares que líamos as manchetes em pé. Ao menos até que nos veio a aparecer a mulher loira de branco e algodão na boca nos banheiros da escola. Depois o chupa-cabra e outras verdades chocantes para vender jornal popular para classe popular que "comia as figuras" e só lia as manchetes de letras garrafais. Cultura

popular industrial. Jornais para torcer o sangue. Nosso sangue quente de silvícolas. Ao menos era assim, segundo as fotografias e manchetes daqueles jornais. Eles construíram nossa imagem assim, no singular, e agora pedem paz.

Quase todos nós temos em casa um baú, uma caixa de papelão, um *balaio-laio*, ou um arquivo de metal onde repousam as memórias fotográficas da família. Quase todos nós, pobres mortais, porque os Mindlin, Farias, Setúbal mandam colocar tudo que juntaram numa fazenda vertical cheia de guardas negros de roupa preta. Nós outros fazemos fila para visitar fotos de nossos parentes mortos e gravuras daqueles impérios, castelos e capitais. Em nossos guardados imagéticos simplórios e valiosos repousam ancestres, sonhos e desafetos antigos.

De tempos em tempos recorremos aos arquivos. Seja porque um parente morreu, ou quando surge uma criança parecida com um/a alguém já ido/a e precisamos restabelecer a descendência comparativa e visual. Minha irmã mais velha, Regina Antônia, colou várias fotos mais significativas para ela em um suporte de madeira com moldura que fica exposto na entrada da casa. Dessa maneira, visitantes meio desavisados, quase que obrigatoriamente, ritualizam com alguma reverência os antigos na entrada do mucambo, olhando o álbum e perguntando sobre as pessoas ali retratadas. Mantém ainda, numa caixa, um acervo bem mais vasto de imagens mais recentes.

A fotografia é também um artifício do mundo burguês e profundamente ligada a construção da representação do poder econômico e estatal, mas teve ainda usos revolucionários do ponto de vista social e estético. Os governantes,

os capitalistas, no Brasil os fazendeiros cafeicultores contrataram fotógrafos europeus, expuseram todos os seus escravos no terreno e fizeram o registro da sua força e prestígio. Isto é, a modernidade reacionária dos barões do café do sudeste pode ser comprovada por meio da imagem eternizada de sua propriedade territorial e das gentes que possuíam como capital e objetos.

Parece provável que as câmeras feitas de material plástico tenham ficado mais acessíveis economicamente para famílias pobres no Brasil apenas da década de 70 para frente. Teríamos que observar a instalação de indústrias desses equipamentos por aqui. Os fotógrafos profissionais de eventos, desde fins da década de 1970, passaram a fornecer um material diferente das fotos bicolores, composto por monóculos com imagens coloridas. Algo que hoje nos sugere ser tão rudimentar. Uma pequena caixa de plástico com lente de aumento numa ponta, através da qual a imagem pode ser visualizada ao fundo. A imagem colorida tem teor revelado pelo fundo branco do material, por onde entrava a luz.

Há um conjunto enorme de fotografias feitas sob o olhar racista e eurocêntrico das pessoas escravizadas, estetizadas pela noção contemporânea de espetáculo que, de certa maneira, reedita os lugares sociais das pessoas negras.

Descrição: Salomão do lado esquerdo e João Batista do lado direito, bairro da Penha, Passos-MG. João Batista não gerou filhos conhecidos. Após muitos anos tentando se tratar de dependência química, desapareceu por volta de 2000 na região da Cracolândia, na área central da cidade de São Paulo. Não mais deu notícias e também seu corpo não foi reclamado pela família. Autoria presumida: José Antonio da Silva (Dedé).

Essas imagens feitas por eugenistas juramentados, concebidas como taxonomia de corpos degenerados, representam o máximo da violência simbólica racista antinegra, cujos métodos extrapolam a própria imagem. Quer dizer, a técnica fotográfica está a serviço de um sistema mais amplo de controle sobre aqueles corpos capturados pela exposição à câmara escura.

Tanto quando foram feitas como quando foram reproduzidas sem crítica, tais fotografias congelam os corpos negros como corpos a serem explorados infinitamente pela elite cultural branca. A reedição do exotismo é interpelado pela artista Rosana Paulino que vem construindo uma contranarrativa imagética passada e presente. Nesse sentido, podemos dizer que Rosana Paulino reconfigura sua memória ancestral e familiar quando busca re-humanizar anônimos africanos e afro-brasileiros fotografados comercialmente no século XIX, como se fossem peças de museus ou objetos inanimados.

Ao digitalizar as imagens da minha família para confecção do livro, não pude deixar de observar um importante processo de autoconstrução da imagem da mulher negra pela forma com que uma das minhas irmãs cuidou e usou o cabelo ao longo do tempo: nas suas fotos de infância com trancinhas tradicionais africanas, de 14 até uns 16 anos alisado a ferro quente (1968) e a fase da transição para *black* e brincos largos por volta dos 17 para 18 anos (1970).

Quanto custava uma câmera no Brasil em 1968? Segundo informações capturadas na superfície da rede web, a primeira câmera fotográfica fabricada no Brasil no começo da década de 1960 era da marca Kodak e

chamava-se Rio 400. Feita em material plástico e de fácil manuseio, comportava um filme de doze slydes. Consta que uma rede de lojas de roupas industriais adquiriu 50 mil unidades para distribuir gratuitamente aos clientes que adquirissem seus produtos.

Quais seriam os preços dos produtos químicos e do papel para revelação? Um homem preto pobre, com escolarização básica, teve uma câmera em nossa casa. Qual terá sido o fim do acervo produzido por ele?

Talvez, justamente por isso, neste trabalho procurei dar um tratamento afetivo e ao mesmo tempo histórico e antropológico aos materiais fotográficos produzidos de forma doméstica no âmbito familiar, tanto da minha origem, quanto da família de minha companheira. Consistiu em fazer o levantamento do acervo, estabelecer um padrão sincrônico ou temporal limite, diacrônico e espacial aberto, identificando locais e paisagens, coletividades e pessoas.

Obviamente não é possível recuperar só pelas imagens os acontecimentos e momentos de transformação nos espaços que vivo e vivi. Pessoas, paisagens, construções, relações de trabalho e profissionais, pausas no meio do dia, fontes de afetividade e não raramente de perda e dor. Pessoas de bom convívio, que de um ano para outro somem, se apagam dos registros. Ou em sentido contrário, novas afeições que se aconchegam às nossas existências. As amizades duradouras e as circunstâncias, as ilusões, paixões e desamores.

Tentar compreender as diferentes técnicas empregadas. Por exemplo, se são fotografias feitas em estúdio

ou rua, casa, festa, cotidiano. Entender se são operadas por profissionais da imagem que oferecem suas produções como serviço especializado e exclusivo. E estudar as condições materiais do fotografado e do espaço retido por meio da roupa, adereços, objetos da cena e arquitetura do espaço. Mas há ainda um outro tipo de ganho subjetivo nesse baile de imagens. Obtive prazer em empreender um bom tempo do meu cotidiano em rever várias vezes as expressões vivas dos meus parentes mortos. Mãe, pai, irmãos e irmãs. A fotografia, como uma representação pictórica, por si só não é capaz de repor o calor da presença, a materialidade física e biológica dos viventes, penso. Mas nós existimos, sinto. A imagem, como elemento disparador da memória afetiva, me avisa.

Sem necessariamente pensar em termos metodológicos, mas de alguma maneira tendo que fazer isso, no sentido de não deixar o trabalho cair na chave de ilustração didática e previsível, o diálogo com o diagramador e artista visual para estabelecer um conceito geral na inserção da imagens de uma maneira que tivessem a mesma importância que o texto. Seja pelo valor histórico, nesse caso a qualidade visual e estética ou não da imagem. Implica em não deixar que valesse menos que a narrativa elaborada pelo texto escrito.

Estamos então num campo de relações raciais conflituosas, sobretudo porque aqueles antes retratados por outrem, agora se arvoram, não só a criar novos retratos para si mesmos, mas também a retratar os outros. Muito me amparei na perspectiva adotada por Gomes e Pereira

no livro *Ardis da Imagem*[5], tardiamente descoberto como roteiro crítico para reflexão em torno das sociedade da imagem e o lugar do racismo antinegro no interior dela. De acordo com eles:

> O recorte contemporâneo para analisar a proposta de uma nova imagem para os negros implica o reconhecimento de uma experiência caraterizada pelos conflitos.
>
> Em outras palavras, os modos que negros e brancos encontraram para representar a si mesmos e uns aos Outros decorrem de estratégias que adotaram para ocupar os diversos espaços da sociedade. Daí, a presença das representações estereotipadas que demonstram a preocupação de um grupo étnico de realçar suas qualidades em detrimento das qualidades do outro. A concentração dos poderes econômicos e políticos nas mãos dos grupos brancos interferiu decisivamente no jogo de produção e divulgação de representaçção, de maneira que, em geral permanece a sua representação como elemento positivo e dos negros como elemento negativo. [6]

A recriação artística, jogando simbolicamente com imagens de vozes e corpos negros em diferentes posições, quase sempre em deslocamento e fora dos padrões

5 GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida Pereira. *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência dos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2001.

6 Idem, p. 158.

estereotipados vigentes, tem sido uma estratégia numa delicada e constamente reconfigura da luta por grupos e artistas negros e negras da virada do século para cá.

No caso deste livro, há um meio de caminho entre a pesquisa etnológica, a produção criativa e a elaboração literária. As escolhas de disposição das imagens, nem sempre uma sincronia perfeita entre o texto, trazem essa noção da falha, do ruído, da presença/ausência e deslocamento.

Tenho uma memória tênue sobre a chegada da máquina fotográfica no meu meio familiar. Morávamos em Minas Gerais, talvez tivesse sete ou oito anos de idade, quando meu irmão comprou uma câmera, provavelmente usada, apareceu com equipamentos de revelação fotográfica e instalou um laboratório em um dos quartos da casa. Esse cômodo era interditado às crianças, mas ainda assim ele provavelmente foi didático o bastante para mostrar alguns dos elementos que compunham a mágica, não sei se para todos, ao menos para mim.

Descrição: Margarida e a bisavó materna Claudemira Maria, com Salloma no colo, Passos-MG, aproximadamente em 1962. Nascida de mulher negra cativa, foi escravizada e faleceu em Boa Esperança-MG, em 1966, supostamente com 104 anos. Autoria desconhecida.

Creio que comecei a montar meu próprio acervo de imagens em meados da década de 1970, quando nos mudamos do bairro de Vila Santa Catarina e levamos amigos/as em fotografias 3/4 próprias para documentos. Apenas em 1977 passamos a ter uma máquina fotográfica à mão. Antes tivemos provavelmente uma emprestada da família Gomes, do Parque Santo Antônio. Temos algumas imagens mal focadas de passeios pelos parques da cidade. Há algumas do Horto Florestal, crianças e adolescentes brancos e negro-mestiços sorridentes pela cidade. O mais provável é que a câmera que utilizei entre 1977 e 1979 para registros imagéticos entre o Parque Santo Antônio e o retorno a Minas Gerais tenha sido feita com tal câmera. Não mais tenho memória exata.

Dona Maria da Paz fazia lanches de pão com mortadela e algumas garrafas de suco artificial, com o dinheiro apertado para tomar quatro conduções. Íamos em bando alegremente para um parque na zona norte da cidade de São Paulo. Uma outra vez ao Parque Ibirapuera ou ainda ao centro esportivo Joerg Bruder, localizado em Santo Amaro. A qualidade das imagens é ruim, mas há os registros valiosos de amigos e amigas, sobretudo aqueles/as que partiram deste mundo cedo demais. Stan, Vera, Edson, Nego Som, Zezé. Pobres vidas negro-mestiças e brancas, tão luminosas quanto breves.

A digitalização da fotografia quase acabou com os acervos físicos familiares e recorrentemente lamentamos a queima de HD com quase toda nossa memória fotográfica dentro. Minha primeira câmera digital é datada de 2004. A domesticação das câmeras de vídeo também

inibiu o uso da fotografia impressa e suprimiram quase que imediatamente, ao menos no meu meio, o sistema de revelação. Fotografias digitais ainda foram imprimidas em papel fotográfico especial em inícios da década de 2000. Na minha aldeia suburbana atual, um fotógrafo de origem japonesa fez história registrando gentes e bichos, paisagens e eventos sociais.

Na minha antiga cidade aldeã nas Gerais não havia outra família de origem oriental que não fosse aquela da empresa/loja de suprimentos e equipamentos fotográficos, situada em uma das principais ruas do bairro central. Filhos, filhas, netos e netas de japoneses como amores/amigos foram somente na escola de periferia de São Paulo. Nipodescendentes pobres que se casaram com pretos e nordestinos e fizeram fotos. Raquel Trindade gostava de brincar com a coisa da mestiçagem evocando seu neto *japonegro*. Lauro Cornélio também transpôs os umbrais das raças puras gerando filhas mestiças com uma moça de origem asiática.

Os fotógrafos de profissão ainda existem no cinema e TV. Muita gente perdeu o emprego num prazo de dez anos. Os antigos fotógrafos cinematográficos, hoje idosos acima de setenta anos, ainda vêem a si mesmos como seres especiais e falam de tempos dourados da locomotiva a vapor e bailes da corte na ilha fiscal. Contudo, parece que há algo além de um clique numa imagem instigante e sensível para captar e deter nosso olhar por mais de um segundo em algo ordinário.

Não sei se treinamento técnico ou se jeito de sentir o olho pulsar. Algum mistério que chamamos de arte ainda

há no fragmento retido no ato de piscar. A luz entra na retina e aciona a memória. Parece que isso me contou um tal de Roland Barthes e um outro cara chamado Walter Benjamin. Se por acaso encontrar aqui algum fragmento de ideias pertencentes a esses dois, peço desculpas. A culpa é da escola que frequentei.

Eu diria que há diferenças sutis, mas fundamentais, entre as imagens de pessoas escravizadas registradas antes de 1880 e aquelas contratadas por pessoas negras nos últimos anos do século XIX. A intencionalidade, uso e sobretudo mudança de relação entre fotógrafos, os detentores da tecnologia, e as pessoas fotografadas. Embora se possam manter as condições técnicas gerais da produção da imagem, não parece possível prescrever todas as suas possíveis utilizações no transcorrer do tempo.

As fotografias, quando revistas, podem ajudar na desnaturalização da inferioridade dos escravizados/as tão bem trabalhadas na ideologia senhorial do século XX. A memória do escravismo por pesquisadores brancos tem servido como discurso de coação, sobre uma possível reposição ou retorno ao passado escravista. A fotografia em preto e branco do filme saudosista de Daniela Thomas, "Vazante", narra não exatamente essa nostalgia colonial da elite artística branca brasileira, mas um fetiche da elite cultural do sudeste.

Recorro a ideia de reaproveitamento criativo ou artístico das imagens de mulheres escravizadas pela artista plástica Rosana Paulino para dizer sobre as maneiras com que intelectuais negras contemporâneas tem nos instado

a produzir instabilidade e ruído interpretativo com tais imagens. Reaproveitamento de papéis jogados no lixo por Carolina para escrever suas histórias reais e ficcionais. E aqui reaproveitamento de fotografias familiares para escrever uma história etnológica inventada do banal.

Os fotógrafos de cinema e televisão a serviço de diretores negros, via de regra se viam diante de um dilema e um espanto. As máquinas fotográficas digitais possuem padrões de calibragem automática e pronta para registro de pessoas de pele branca. Faces negras sem olhos ou como borrões muitas vezes são comuns quando não se entende esse simples detalhe sobre a luz, produção da fotografia e narrativas imagéticas. Digamos que a luz negra natural seja refratária ao suposto universalismo cromático e cultural do padrão branco vigente.

Há no Brasil um conjunto enorme de fotografias feitas sob olhar racista e eurocêntrico mantida por ricos particulares como souvenires de moda internacional. George Ermakoff[7], um rico empresário do ramo de aviação ligado à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e do Rio de Janeiro (FIRJAN) é um dos mais conhecidos colecionadores de fotografias de pessoas escravizadas e imagens oitocentistas. Livros luxuosos das pessoas escravizadas, estetizadas pela noção contemporânea de espetáculo e que de certa maneira reedita os lugares sociais das pessoas negras. Por detrás das publicações caras repousa um amplo mercado clandestino de objetos de arte e fotografias roubadas de acervos públicos

7 ERMAKOFF, GEORGE. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

e comercializadas entre especialistas, colecionadores, ladrões, mequetrefes e traficantes comuns.

Um pouco antes da pandemia, uma madame, diretora de uma revista de moda de grande circulação, fez questão de ser fotografada e publicizada alegremente rodeada de serviçais negros/as, numa festa privada realizada num palacete na cidade de Salvador, Bahia.

Teria sido normal, se o olhar social não tivesse sofrido essa alteração, recentemente permitida pela politização de uso das redes sociais. Observadores/as do cotidiano vão colhendo os indícios das modulações e percebem deslocamentos, mas nem sempre são convertidos em tendências gerais. Nas decadentes fazendas de café dos barões remotos aqui nos lados de São Carlos ainda é possível participar de sessões especiais de teatro-vivo onde os tetranetos dos escravizados, por falta de outro trabalho, reencenam atividades laborais e lúdicas do tempo do café-escravagista. Tudo pode ser fotografado e comparado com imagens e cenas oitocentistas. Tipo de um passado que nunca passa.

A artista plástica Rosana Paulino[8] é, no Brasil, quem propõe uma abordagem crítica-artística do acervo fotográfico familiar e também daqueles conteúdos oitocentistas de pessoas escravizadas. Com diferentes suportes materiais, ela contrapõe fotografias de escravizadas com aquelas de seus familiares impressas em tecidos. As fotos de pessoas com bocas costuradas são contrapostas aos discursos fotográficos supostamente isentos, em sua

8 Veja: https://mendeswooddm.com/pt/artist/rosana-paulino

maioria reproduções imagéticas publicadas em livros e revistas de grande circulação, especialmente mulheres negras fotografadas nuas.

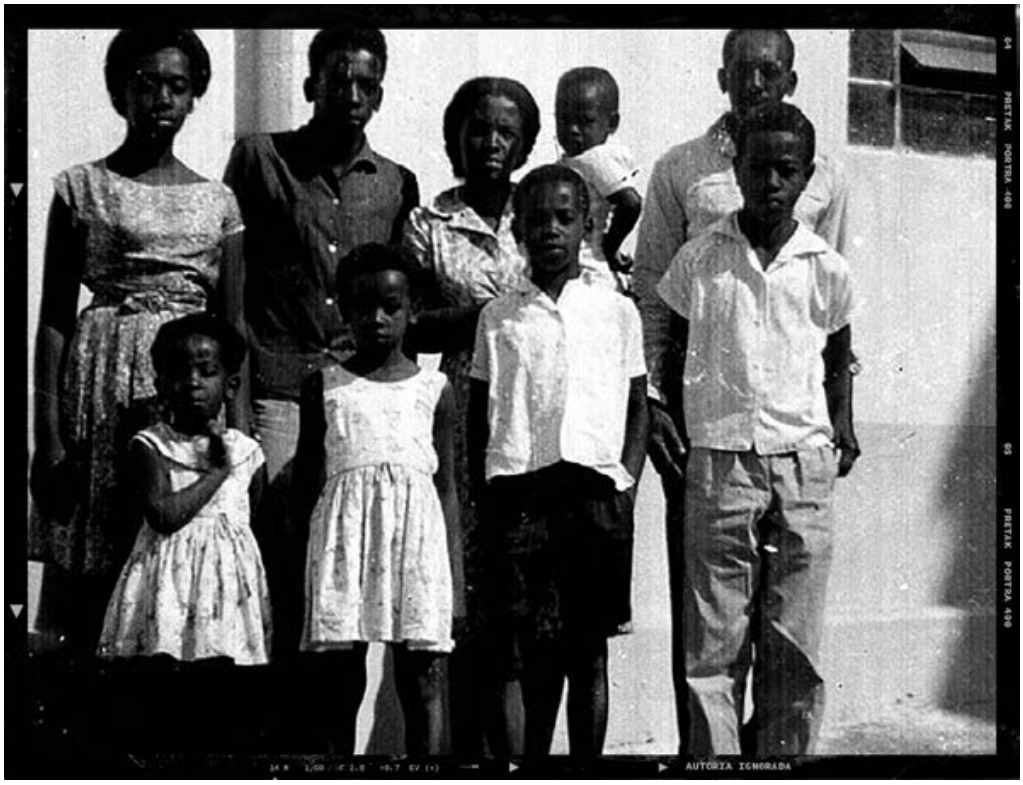
Recortadas e novamente montadas, as partes fora da ordem jamais formam a imagem original. O efeito visual/emocional no espectador que saiba ler é dilacerante. Nenhuma palavra Rosana deixa por escrito sobre a violência simbólica dos corpos negros duas vezes utilizados pelo mundo senhorial. Uma que é seu uso físico/matéria para produzir riqueza em vida e outra o uso do seu corpo/imagem para produzir depreciação e mais riqueza para senhores atuais no pós morte. Essa estetização das vidas negras, parece não mais passar sem o crivo crítico da denúncia, em forma de arte.

Não trato aqui do uso da imagem apenas como parte de uma visão histórica construída a partir de uma perspectiva negra e anti-hegemônica, mas penso esse trabalho como construção coletiva-afetiva, tarefa sociopolítica. Um esforço coletivamente empreendido, numa etapa específica do movimento sociocultural negro. Ato vigoroso e contínuo de dimensões internacionais, muito largo e profundo, que abarca o próprio pensar-sentir-fazer contemporâneo. Um desdobramento abolicionista e anticolonial descentralizado e renovado nos seus preceitos éticos, suas estratégias políticas e abordagens múltiplas e provisórias.

No mundo acadêmico há um longo, tortuoso e nem sempre frutífero debate sobre o lugar da fotografia na construção da sociedade ocidental expandida e sua influência direta e indireta sobre a nossa sensibilidade. Nossos modos de sentir ligados a faculdade da visão. A

fotografia impressa, a fotografia cinematográfica e todas as transformações da imagem televisiva e videotape afetaram nossa leitura visual do mundo. Poder ir a lugares sem propriamente visitá-los, mas sermos expostos aos seus sons e paisagens. Paris Texas. Sobretudo o uso da imagem e som simultâneos na mídia massiva e capacidade dos agentes da comunicação corporativa para jogar e manipular imagens para obter apoio ou adesão a produtos e projetos ideológicos e/ou políticos.

Parece haver um marco temporal para isso: a ascensão de formas totalitárias de poder na Europa no Entre Guerras. O surgimento da cultura virtual e sua disseminação no Brasil é também seguida por olhares antagonistas sobre a nossa capacidade de receber e interpretar imagens e sons que circulam no mundo real e virtual pela via dos televisores, computadores, tablets e celulares. O exercício que faço neste trabalho é muito elementar. Seja pelos contatos que alimento com pessoas por quem nutro carinho, admiração e respeito, seja pelo uso profissional para obter trabalho e renda, seja pela utilização nas redes criativas de criação musical-teatral.



Descrição: Família Jovino da Silva. Ao fundo, da esquerda para direita: Regina Antônia da Silva, José Antônio da Silva, Ana Silva (mãe) com Salomão no colo, Antônio Jovino. Na frente: Maria dos Santos ou/e Maria dos Anjos, Margarida Antônia da Silva, Abrão Antônio da Silva, Jansem Rafael da Silva. Passos-MG. Provavelmente em 1962. Autoria ignorada.

Não tenho dedicado um tempo específico para refletir livremente ou por escrito sobre a comunicação digital contemporânea. Essa abordagem pragmática que tenho feito, talvez seja premida por um sentimento de urgência de alguém cuja existência biológica-temporal, nesse momento, tenha mais passado do que futuro. As pessoas do sexo masculino da minha família muito raramente ultrapassam 70 anos de idade[9]. Ao menos tem sido assim, pelo que pude apurar com parentes visitados em Boa Esperança. Em 2021 sexagenário. Eu, que nasci em agosto de 1961, completei 60 anos. Seria lugar-comum, com quase zero efeito reflexivo, sustentar que vidas negras valem socialmente menos, que essa desvalorização tem efeito prático e direto sobre a minha e a vida de pessoas com as mesmas caraterísticas que eu nesse país.

9 Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, atualmente sobre ataque do governo Bolsonaro, a expectativa de vida de homens negros no Brasil é de 71,5 anos e de brancos, 76,6. Veja em: https://ceert.org.br/noticias/saude/25297/a-expectativa-de-vida-de--negros-e-brancos-nos-eua-e-brasil. Acesso em: 10 ago. 2021.

Descrição: Jansem Rafael da Silva. Festival da Canção de Passos, 1969. Música: Lamento ao meu morro, segundo colocado e Melhor Intérprete. Nesse período Jansem era alfaiate requisitado na cidade e vestia seu próprio figurino. Faleceu em São Paulo em 2004, no Hospital do Servidor Municipal, quando havia feito carreira no magistério público municipal como professor concursado de Geografia, gerou 3 filhos e 1 filha com Aliúde Soares Coelho. Autoria ignorada.

Muitas vezes devemos pedir desculpas a toda sociedade por um esboço de felicidade, mesmo que tolo e momentâneo. Sugerir que uma pessoa negra possa ter uma vida digna, estável e equilibrada é considerada, no sistema vigente, uma ofensa gigantesca.

As imagens das famílias podem ser construídas e visualizadas como contranarrativas para os estereótipos que nos atingem como indivíduos e grupos. Não apenas a concepção de famílias nucleares com todas suas implicações morais em relação aos núcleos gestados por mulheres, mas a constelações feitas por vínculos que extrapolam a consanguinidade. Porém, atenção para alguma equidade de gênero no interior de famílias pobres e negras. Não quero dizer com isso que não houveram privilégios, ou diferenciação entre homens e mulheres na formação da minha família. Contudo, observei também as diferenças de comportamentos dos meus pais em relação a outras famílias, assim como as lideranças exercidas por minha mãe e irmãs na manutenção de todo grupo familiar e na projeção de futuro dos irmãos e irmãs mais novos. Então penso que podemos repensar nossas trajetórias e conquistas, muito a partir da ação dessas mulheres como minha mãe e minhas irmãs, antes de arremessá-las nas colunas analíticas generalizantes que muitas vezes o ativismo nos convoca.

Percebo como meus irmãos e irmãs mais velhas, Margarida, Regina, Jansem e José Antonio, cada um ao seu modo e condições, pavimentaram um caminho que em larga medida facilitou as trajetórias social e escolar da Ione, Daniel e minha. Os livros lidos em família, as canções

apreendidas de oitiva e encartes de discos, as interpretações em voz alta dos poemas de Solano Trindade, Castro Alves e Oliveira Silveira deixaram marcas profundas na autoimagem de cada um, mesmo que a memória não as tenha mantido. A voz de Donana ecoa longe e batidas do violão de Antônio dos Beta, apelido de minha família, ainda podem ser encontradas nas cantigas atuais transportadas pelo bisneto Otávio, pelo teclado de Cassius Jansem.

As artesanias de Donana, que saia de tarde coletando gravetos nos arredores mateiros do vilarejo meio roça, nos terrenos baldios urbanos quando o mato acabou. Sabíamos que era para converter tudo em arranjos e esculturas florais. Suas estranhas conversas com as plantas quando as molhava ou retirava da sombra para colocá-las no sol. As folhas de chá, as de banho, as de comer e as de cura mantidas pelas suas mãos de herbalista da *sangoma* que ela foi, sem o saber. A habilidade de Antônio para o trato com madeira. O aroma da tábua serrada, a vida da madeira prolongada num objeto fônico, um instrumento musical de cordas de arame, um bandolim extraído de madeira industrial. Sua doçura calada e muitas vezes seu olhar não perdido, mas distante.

O CHÃO ONDE SE CONSTRÓI A VIDA, TAMBÉM SE CANTA. UMA HISTÓRIA DO AGORA, AGORA

Lembro-me de uma banda de música de um mulato muito famoso chamado Veríssimo Glória. Ele era convidado para tocar nos carnavais e em peças de teatro de revistas, onde se dançava o maxixe. A banda também fazia acompanhamento de enterros e procissões da Igreja na semana santa. Os componentes da banda eram todos negros. Havia também a famosa orquestra do Carlos Cruz.

José Correia Leite

Moleque zaranza vestido de tanga/ Cantando lundu e dançando batuques/ Com ar de mandinga/ E depois do quibebe/ Procura a negrinha com jeito de candonga/moleque zaranza conhece macumba/ Que cura pelada com jaborandi/ Já fez muita cura com flor de matamba/ Com funcho, caroba, gervão e mururé? O quibebe acabou/ A mandinga não valeu/ O moleque sumiu/ Preto velho morreu.

Jansem Rafael da Silva. 1951-2004.

Leio esse fragmento das memórias de José Correia Leite[10] escrito por Luis Silva Cuti em contraposição ao trecho de uma canção criada por um dos meus irmãos mais velhos em fins dos anos 1960 e apresentada em um festival de música na cidade de Passos, em Minas Gerais. Ele foi responsável por introduzir no meio familiar algumas noções positivas de personalidade negra, negritude e coletividade que ainda hoje surpreendem a mim e aos/as interlocutores/as por sua contemporaneidade.

Percebemos mais tarde que mesmo em momentos mais duros da vida negra na diáspora havia motivos para dançar e fazer oferendas para a deusa vida. A dança, motivo de muitos preconceitos e estereótipos, cumpre papel fundamental nas sociabilidades e religiosidades afro-diaspóricas. Observar sua incidência nas nossas vidas familiares e comunitárias, assim como no desenvolvimento da nossa história social recente parece fundamental para quem trabalha com pesquisa no campo da memória, africanidades e identidades negras. Que gêneros e estilos que dançaram nossos pais nos anos 1930-1940, como dançamos nós nos anos 1970-1980 e como está dançando ou não a geração de nossos filhos e descendentes?

Correia Leite nasceu, viveu e morreu em São Paulo. Foi um dos formadores da mais expressiva organização política de cunho étnico e expressão antirracista no Brasil, a Frente Negra Brasileira, que tinha uma indissimulável narrativa das tentativas feitas pelas lideranças negras paulista para a integração dos negros na nova sociedade

10 CUTI, Luiz Silva; LEITE, José Correia. *E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

de classes que se formava na cidade de São Paulo no pós-abolição. Correia Leite está nos indicando quais danças usufruíram com seus corpos e sensibilidades negras o nosso povo do seu círculo social, nas primeiras décadas do século XX.

O som mencionado é o Maxixe, gênero musical negro surgido no século XIX. Quais outros deviam executar os grupos regidos pelos *bandleaders* Carlos Cruz e Veríssimo Glória? Quando estudei musicalidades de São Paulo jamais me deparei com tais nomes em outros autores. Apagamento ou visão limitada dos historiadores e antropólogos da música e musicólogos acadêmicos.

Lideranças negras, como José Correia Leite, em meados da década de 1930 viram no breve desarranjo estrutural da hierarquia, causado pelo Golpe de Estado, a crescente industrialização e vertiginosa urbanização como oportunidades de integração a sociedade escravista racial-estamental, que aparentemente naquele tempo tendia a se desdobrar numa sociedade de classes. Mas no caminho tinha uma pedra. Uma enorme pedra que cresce, muda de lugar e medra: O Racismo Antinegro.

Meu irmão Jansem Rafael da Silva era sapiente na lida com costura em tecidos e foi o primeiro músico-compositor entre os Beta. Nasceu em Boa Esperança (MG) e lá viveu até a juventude. Foi um oficial alfaiate de tradição, daqueles de aprender fazendo com alguém mais velho, numa oficina de corte e costura, daquelas "lá do interior do mato". Esse conhecimento milenar manteve-se longe da fabricação em série, até praticamente desaparecer nos dias atuais.

Alfaiate. Gosto muito dessa palavra que é próxima de uma outra que identifica um tambor afro-árabe muito utilizado no Brasil e na península ibérica: alfaia[11]. Talvez as alfaias tenham chegado a São Paulo antes da moda dos Maracatus da Vila Madalena, talvez antes do teatro de Solano Trindade. Ele, Jansem, foi aprendiz dessa antiga profissão entre 12 e 16 anos. Quando completou dezessete anos se tornou proprietário do seu próprio ateliê ao lado do principal cinema da cidade, na praça da Matriz, tendo como parceiro um outro jovem negro ex-seminarista. José Antonio do Nascimento, nascido na cidade de Pains, também no sul de Minas, viria a ser nosso cunhado, casado com nossa irmã mais velha Regina Antonia da Silva. Juntos geraram uma filha.

O mano *Nego Zansi* foi nosso mestre familiar e cotidiano em temas de negritude e canção afirmativa. Tal como eu, também migrou com a família Jovino para a cidade de São Paulo nos inícios da década de 1970. Foi livre pensador, palhaço e produtor cultural periférico, trabalhou em oficinas de alta costura e abriu seu próprio ateliê em São Paulo nos bairros de Santo Amaro e Moema em inícios dos anos 1980, empregando a mim e ao baiano igualmente mestre em artesanias e migrante, Antônio de Jesus Braga. Um velho parceiro de musicalidades e andanças.

Contudo, Jansem fez vitoriosa carreira profissional como professor de geografia na rede de educação pública municipal e faleceu por complicações de problemas renais

11 Alfaia não era, na origem, um tipo de tambor, mas um nome dado a qualquer adorno de corpo.

em 2004. Foi casado com uma mulher afro-indígena, Aliúde Soares Coelho, vinda do norte de Minas Gerais na mesma época. Ela também é educadora pública e juntos geraram 3 filhos e uma filha que vivem na zona sul.

Nos trânsitos entre a periferia de São Paulo e Minas muito do que somos foi deixado/achado no meio do caminho. Jansem desenvolveu uma poética muito própria e estilo de canto que eu muito admirava e em alguma medida tentava imitar. Suas aulas de geografia eram repletas de musicalidade e me lembro das explicações que me deu sobre a utilização de canções do compositor Luís Perequê para ensinar a crianças do ensino básico conceitos e conteúdos sobre o ecossistema da Mata Atlântica, cultura e vida caiçara. Ele, que tinha grande habilidade com a palavra dita, cantada e escrita, criou em meados dos anos 1980, a noção de Quilombo Imaginário de Santo Amaro, durante um evento que promoveu na antiga Casa de Cultura de Santo Amaro, onde ainda hoje se realiza o Samba da Vela. Desde que chegamos a primeira vez de Minas Gerais, a área do antigo bairro industrial tem sido um eixo do nosso deslocamento. Contudo, as cinzas do inquieto *Nego Zansi* foram atiradas não nas águas poluídas do histórico Rio Jurubatuba, mas na Represa de Guarapiranga.

Todo ser humano vive e morre em algum lugar. Um viver mesmo que não plenamente fixado, em deslocamento sozinho ou acompanhado, em um pequeno grupo de pessoas, em forma de família, bando, tribo, etnia, povo ou nação.

Individual ou coletivamente, vivemos em algum lugar por escolha ou por falta dela. Um lugar é um ponto no mundo. Uma plataforma no tempo e no espaço que ocupamos temporariamente, pois somos todos finitos, biologicamente falando. Eu e os meus temos vivido nos arredores da cidade de São Paulo, nos bairros do fundo, nas encostas das cidades fronteiriças da região sul. É dessa paisagem que olho o mundo.

Nós temos, queremos e lutamos por um lugar no mundo, porque somos humanos e nosso corpo-vida habita o espaço/tempo. No decorrer dessa passagem terrena estamos vivos e respiramos o mundo, enquanto o fazemos e nos fazemos nele. Mas é sempre o mundo, essa terra-terrena, a biosfera que dividimos com os outros seres vivos, a partir de um lugar, casa, mocambo, oca, calçada, marquise, maloca, barraco ou barraca, mansão, trapiche e palhoça, saco de dormir, banco de praça, coreto, viaduto, buraco do metrô. Esse posto de onde vemos, sentimos o mundo e interagimos com ele, pode se situar em várias regiões do planeta e em diferentes tipos de paisagens.

As cidades passaram a ser os lugares mais comuns da existência humana, mas ainda podem ser beira e capão, roça ou arraial, aldeia ou vilarejo, metrópole e megalópole. O lugar pode ser chuvoso e alagado, pode ser bem seco e desértico, pode ser congelante e charmoso, pode ser bem pobre, "mas limpinho" e digno. Muito me apraz tal povoado ou quase isolado, um "bom lugar para ler um livro, o pensamento lá em você", poetizou um cancioneiro negro alagoano. Mas é sempre nosso lugar. Muito mais do que noção abstrata de espaço e espacialidade, território

Descrição: Jansem Rafael da Silva recebendo o troféu do radialista Baru de Pádua. Festival da Canção de Passos, 1969. Música: Lamento ao meu morro, segundo colocado e Melhor Intérprete. Autoria ignorada.

nacional, a lugaridade[12] é parte integrante da condição humana desde o início da própria humanização.

Aqui quase ninguém mais pronuncia corretamente nomes como Timbuktu, Loango, Mombaça ou Ilê Ifé. Se a cidade é a maquina que modela a modernidade, como é que nós, negros brasileiros, temos vivido a cidade? Pergunto. E não como temos vivido nas cidades coloniais. Isso nós bem sabemos. Mas quais são nossas utopias citadinas? Creio que essa pergunta foi feita por Cyril Lionel Robert James[13] nas suas investigações sobre os parceiros de luta de Toussaint Louverture.

Nós temos sido vistos como caipiras, jecas totais, capiaus, gente bruta. Sobre nossa origem africana, indígena e camponesa muitos estereótipos se ergueram ainda longinquamente. Noutros sentidos, estamos quase sempre revertendo cada um deles e construindo novas imagens com os fragmentos do que havíamos sido e daquilo que ainda desejamos ser enquanto coletividade humana, portadora de valores, preceitos e visões de mundo. Entre o ter sido, estar sendo e desejando ser, elaboramos e reelaboramos constantemente nossas identidades.

As populações de pretos e pretas paulistas designadas aqui têm pelo menos três etapas formativas em termos populacionais e culturais. São primeiramente descendentes bem remotos daquelas primeiras pessoas africanas que foram capturadas no outro lado do Oceano

12 HOLZER, Werther. *Sobre territórios e lugaridades*. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/3232/2746. Acesso em: 6 jul. 2021.

13 JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Atlântico e desembarcadas nos litorais do sudeste entre os séculos XVI e XIX. São também uma quarta ou quinta geração cuja ascendência foi de pessoas negro-mestiças, nascidas principalmente no nordeste do Brasil entre 1835 e 1870, vendidas por rotas internas de tráfico escravista, das "províncias do norte" para as do "sul".

Por fim, são frutos de uma terceira leva de migrações internas massivas ocorridas desde o começo da segunda metade do século XX para cá, atraídas pelas promessas da modernidade industrial de São Paulo e Rio de Janeiro.

Portanto, não tenho a pretensão de enfeixar todas essas camadas de culturas negras em movimento constante numa única expressão ou identidade. É necessário reconhecer que trata-se de sistemas culturais e identitários que se constroem, se esgarçam ou se reconfiguram no fluxo das conjunturas temporais, políticas e mesmo nas entretelas das pressões de uma economia capitalista selvagem, instável e periférica.

A percepção de uma identidade afro-caipira tem a ver com as experiências de inovação, autonomia, deslocamento e imaginários, constituídas principalmente por grupos subalternos sudestinos, compostos em sua maioria por pessoas afro-indígenas, para resistir aos processos de modernização reacionária e urbanização violenta, impostos pelas elites econômicas, culturais e políticas.

Penso que uma das minhas principais experiências obtidas na vida juvenil em São Paulo tenha sido a descoberta das danças urbanas, as baladas, o soul lento, o samba urbano, o samba rock e o samba-soul. Reflito agora sobre um tipo de emancipação de um corpo moralmente

constrangido, que de repente encontra uma força de expressão e uma brecha, um tipo novo de liberdade e alegria extraída dos movimentos. Entre as baladas de Cassiano, Tim Maia, Michael Jackson e The Jackson Five, Al Green, Bee Gees, Diana Ross e Marvin Gaye para dançar com o corpo bem colado no das meninas. Até nas danças coletivas com passos ensaiados parece haver um *continuum* de desenvolvimento da expressão, crescente desejo de expansão dos contatos com o mundo.

O Parque Santo Antônio, durante minha infância e adolescência, lá nos fundos da zona sul, tinha vários tipos de festas por volta de 1974 até 1977, quando retornei para Minas Gerais. Eram bailes de fundo de quintal, festas de pequenos salões, bailinhos de família. Em todos predominavam modestos sistemas de sons, um monte de discos variados, uma vitrola portátil e duas, às vezes quatro caixas de som de aproximadamente 50 *watts* colocadas em lugares estratégicos para que toda presença pudesse ouvir alto[14].

14 Nesse tempo os pés de pato, matadores de aluguel, justiceiros, como se dizia, talvez já estivessem na paisagem. Mas em meados da década de 1980 se tornaram uma febre e atuaram. Muitos amigos, principalmente jovens do sexo masculino pertencentes às famílias negras, foram assassinados com apoio ou conivência da polícia. Nas ruas onde havia um campo, local próximo ao da fotografia, foi construída uma delegacia de polícia civil ainda em meados da década de 1980.

Descrição: Colégio Estadual Oswaldo Aranha, bairro do Brooklin, São Paulo, 1977. Primeira fila: Salloma e Genão; segunda fila: Cláudia e Valada; terceira fila: Ana, Marcelo, ?, Marcola, Silvia e ?. Autoria ignorada. Acervo de Claudia Iazzetta.

A turma ia chegando devagar e por volta das 21h30 já dava para saber se aquela festa seria realmente bacana ou mirrada. Se não tivesse treta, podíamos ficar até às 5h30 da manhã do dia seguinte, conversando, dançando, brincando e procurando alguém para trocar uns beijos quentes. Esse trabalho, em alguma medida, é um tributo a memórias dos corpos negros que ainda dançam por aí, desafiando o constrangimento, a morte e a tristeza.

Pode ser que em breve pouca gente, negra ou não, nem se lembre mais de como era a vida em São Paulo antes de 2019. Não era um mar de rosas, mas também não era só o caos. No meio das discriminações viciadas e cotidianas tem muita luta e muita conquista. Difícil, às vezes, é saber e mostrar como e quando elas aconteceram e torná-las relevantes.

São Paulo é nosso chão, mesmo que historicamente a maioria de nós nem tenha posse da terra. Minha meta é falar de mim e dos meus ao mesmo tempo que narro um pouco dos cotidianos de lutas e invenções, quedas e alegrias, teias de vidas feitas por aqueles e aquelas que se instalaram além da ponte João Dias, Interlagos e Socorro. São Milhões de pessoas. Peço que não menosprezem minha meta.

Descrição: Bailinho de fundo de quintal. Parque Santo Antônio, São Paulo. João, Salloma, Bete, Xuxu. Na janela: Edna, João Anastácio? e ?, 1975 ou 1976. Autoria ignorada.

Este texto-livro somente pôde ser escrito porque por algum tempo a vida que havia antes deixou de existir. Se boa, se má, se mais ou menos, é a vida real, sentida e vivida. A cidade foi parando e parou, mas não o tanto que deveria para conter a pandemia. O país parou, mas não como podia porque o senhor dos mercados não quis, o representante da indústria de armamento não deixou e pensou que podia resolver tudo a contento, sem sossegar um pouco a mais valia da máquina de moer gente.

Este não é um livro sobre outros livros, como certa vez se justificou um estudioso da comunicação para escapar à crítica por não oferecer algo bem próprio do padrão acadêmico, notas de rodapé e fontes documentais. Contudo, escolhi citações que efetivamente dialogam com o que penso ou servem para exemplificar algo que contesto ou repudio. Na maioria do tempo, tentei manter um fluxo de pensamento contínuo e em espiral, tal como faço quando estou pensando-falando em aula ou palestra. Vou te entender se você não gostar. Mas, como se canta por aí, é assim que é, assim que tá.

Até a altura que escrevia, morria em média 2 mil pessoas por dia. E houve um moroso debate no Congresso Nacional para saber se o presidente da República Brasileira fez tudo aquilo que vimos que fez. Promoveu aglomerações sem máscara, incentivou que ninguém as usasse e tentou catapultar a venda massiva de remédios ineficazes. Fez mais ainda, zombou das famílias que perderam pessoas para a *Covid* e principalmente se negou a utilizar o dinheiro público para salvar vidas. Por fim, passeou de motocicleta com playboys paulista zombando da opinião

pública. Não demonstrou ter o mínimo de bom senso ou de moralidade, de compaixão e de decência.

Enfim, matou e mandou matar como um *hitlerzinho* de terceiro mundo. E quando a fome já tinha chegado a mais da metade dos lares nacionais, ele (não) começou as tratativas para comprar vacinas superfaturadas.

Enquanto mergulhado num passado que nunca passa, dizem que o Brasil será sempre o país do futuro, como teria previsto ingenuamente o escritor austríaco Stefan Zweig na década de 1940[15]. Qual retrato da cidade de São Paulo podemos levar quando partirmos?

Falamos de cidades de boca cheia, e é o mais comum. Mas pode ser simplesmente roça e aldeia, vila, metrópole ou megalópole. Um estado-território de uma cidade só, cidade estado dentro de outra qualquer como Vaticano ou Mônaco. Assentamento humano no território, aberto ou fechado com vidro a prova de balas ou muros bem altos. Cercas invisiveis.

São Paulo, meu amor armado. Arvoro-me ser amado e igualmente dizimado por esse amor. A maior cidade da... A mais rica em arrecadação... Locomotiva do país... Carrega o Brasil nas costas? São Paulo dos mil povos, capital da diversidade, da gastronomia, cidade que aceita todo mundo. Capital cultural do país e pá e pá e bola. *Sampa*

15 ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Tradução de Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2013. Talvez uma visão superficial, romantizada ou mesmo sob influência da literatura do antissemitismo na Europa do Reich e das guerras o tenham feito ver um Brasil harmonioso e freyreano demais. O problema foi a incorporação seletiva de sua leitura equivocadamente simplória e romântica ao discurso oficial sobre o país.

Centrismo? Panaméricas de Áfricas, túmulo do samba, o mais possível novo quilombo de Zumbi[16]. Cantou um velho baiano que já foi um leonino meio tímido. Também São Salvador, Madri, Londres e Sebastião flechado, mas que fez do Rio de Janeiro sua efetiva morada. Apostamos em você, apóstolo Paulo. Um menino circunciso. Paulo de Tarso aqui foi um colonizador português.

São Paulo não é sopa, nas beiras ferve[17].

Cantou algo quase assim, um tanto depois uma banda de música negra bem atualizada, criativa e conhecida: *Aláfia*[18]. Nós estamos falando das beiras.

Além da poesia, revolta e medo, conformismo e resistência quando os mapas da disseminação da pandemia e da vacinação prometida pelo vaidoso ex-prefeito, agora governador, começaram a ser publicados coloridamente na

16 VELOSO, Caetano. *Sampa*. Philips: 1978

17 *São Paulo Não é Sopa*, 3º disco do coletivo Aláfia. Gravadora: Agogô Cultural. Data de lançamento: 10 de fevereiro de 2017.

18 Eduardo Brechó, músico e produtor cultural. Via whatsapp me telefonou de NY em 9 de setembro de 2021, falando sobre uma descoberta filosófica que fez sobre a distinção entre racialismo e etnicidade. Falou sobre o deslumbre de certos dos pesquisadores brancos em relação às culturas negras. Fez uma analogia muito interessante sobre a branquitude como um rio enterrado. A brancura se colocou no lugar das etnicidades dos povos europeus em expansão criando uma raça branca supostamente una. A raça enterrou o rio da etnicidade juntamente com uma percepção de autenticidade étnica e umas visões de ancestralidade que são fundamentais agora, quando a mentalidade da expansão ocidental está em crise. E nem o estado-nação, nem a branquitude é capaz de preencher esse vazio do rio enterrado.

imprensa. Todos entenderam o que já sabiam: nas regiões mais pobres, nos extremos da cidade há quatro vezes mais contaminação e mortes, quatro vezes menos assistência à saúde. E a cobertura da vacinação que chega nesses lugares é muito mais lenta. Isso é política pública, mas há quem pense que seja apenas a mão de Deus. Além dos corpos arrastados como carnes inertes de bicho caçados em safaris, também circulam na internet imagens de nós, homens negros, como os seres ambivalentes e humanos que somos.

Se tivéssemos sido devidamente escolarizados com ciências árabes traduzidas em Al-Andalus, teríamos sofrido menos adotando padrões de comportamento que levassem em consideração aquilo que povos mediais do Mediterrâneo já sabiam, mas se encobriram com vasta e grossa ignorância as informações dos documentos escritos em língua árabe e etíope sobre transmissão de microrganismos e utilização de máscaras e álcool.

Educação temos em casa, na comunidade, no terreiro, na vila e na aldeia. A escola é essa máquina moderna de fazer brancos numa instituição e num prédio. Escola.

Acreditando na escolarização não como a instiutição conservadora republicana, mas como devir social e político, como forma de combate às desigualdades no Brasil, o ativismo antirracista negro e indígena, com diferentes estratégias, tem lutado durante todo século XX e XXI por um sistema educacional plural e equânime.

Embora a Constituição brasileira de 1988 indicasse esse caminho de construção de equidade social e reconhecimento da diversidade cultural, apenas vinte anos depois foram publicadas novas velhas leis que alteraram

a lei de Diretrizes e Bases da Educação para que surgissem efetivas ações públicas práticas visando tais objetivos[19]. Contudo, não duraram muito. Por isso a ignorância surge no horizonte político e social como algo assim tão atraente?

Estamos inseridos em uma sociedade construída em conceitos e práticas racistas e de exclusão social instituídas desde a colonização do Brasil, que ainda agora operam fortemente nas dinâmicas de todas as regiões da nação, de diferentes formas. As elites, e sobretudo a classe média branca com seus privilégios, em toda parte reproduzem práticas discriminatórias. Nesse sentido, questionamos coletiva e cotidianamente: por que o Brasil ainda apresenta poucos debates e ações práticas afirmativas de combate ao racismo antinegro e anti-indígena?

19 Me refiro às leis federais 10. 649 e 11.645, respectivamente, que inseriram conteúdos de história e cultura indígena, afro-brasileiras e africanas nas formações do ensino básico para crianças e jovens em todo país. A lei buscava quebrar um padrão eurocêntrico de ensino e educação vigente desde o período colonial. A reação conservadora aconteceu no ato da publicação da lei e tomou um caráter reativo até então nunca visto. Uma movimentação obscurantista chamada "Escola Sem Partido" iniciou uma perseguição sistemática aos educadores/as identificados/as como antirracistas em todo país.

Descrição: Salloma Salomão. Foto escolar padronizada em todo país. Fotógrafos independentes vendiam esses serviços nas escolas. Quase sempre se colocava um cartaz com paisagens europeias ou imagens de crianças eugênicas brancas ao fundo. Escola Estadual Reducino de Oliveira Lara, Vila Santa Catarina, São Paulo. Ano 1972. Autoria ignorada.

A falta de formação continuada para os profissionais da educação no que diz respeito à cultura africana e afro-brasileira dos povos originários, somadas ao racismo institucional que, por muitas vezes, condiciona o ambiente escolar a excluir e invisibilizar a presença de alunos e alunas negro-mestiças e indígenas amplia e dissemina cada dia mais a fragilidade social. Embora haja embates constantes ao racismo estrutural, ele se apresenta arraigado nos espaços educacionais e artístico-culturais, assim como em todos os outros nos quais estamos semi-inseridos.

Contraditoriamente a escola pública tem sido, ao mesmo tempo, tanto um local de afirmação da hegemonia cultural eurocêntrica, quanto espaço de embate contra o racismo em todas as suas dimensões. Conquanto, essa mesma luta seja acompanhada de processos de reafirmação do autoritarismo e descaso. Mas o racismo de fundamento antigo não é um problema apenas brasileiro, mas também das sociedades coloniais. Quais são as suas especificidades no Brasil e em São Paulo?

Descrição: Maria dos Santos ou Maria dos Anjos, entre 2000 e 2014. Foi registrada em cartório em momentos diferentes, com os dois nomes. Pode estar relacionado à mudança de orientação religiosa de Antônio Jovino, convertido do ecletismo da Umbanda rural ao Presbiterianismo, cujo dogma não reconhece a existência de Santos, pode ter pretendido mudar o nome da filha, cujo costume já tinha fixado dizer DuSantos. Faleceu de problemas renais em 2014, em Passos-MG, tendo gerado uma filha. Autoria ignorada.

Se os racismos antinegro e anti-indígena no Brasil têm seus processos históricos diretamente ligados ao capitalismo, nem por isso suas dinâmicas em diferentes geografias seguiram os mesmos passos e nem mesmo assumiram os mesmos contornos. Há, contudo, um traço que o configura em todos os quadrantes: a violência. Cotidiana ou esporádica, juridicamente instituída, ou como sinistro legado da tradição e do terror racial advindo dos sistemas de *plantations* (grandes propriedades coloniais), das quais tanto negros em grande escala, quanto mestiços e indígenas foram vítimas em maior ou menor proporção durante a Colônia e o Império por quatro séculos.

Há também processos de aprendizagens sociais mais abertos e nem sempre capturáveis. Desde finais do século XIX a canção negra urbana tem sido um dos veículos mais dinâmicos de análise da realidade social e de crítica à sociedade brasileira tal como ela se apresenta. A juventude afro-periférica, a partir de São Paulo, após fins dos anos 1980, construiu um método cultural e pedagógico inovador que combina consciência político-ecológica e intervenção socioestética chamado Hip Hop.

Capítulo 4 Versículo 3 - Racionais Mc's

60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente. (...)

De Guaianazes ao extremo sul de Santo Amaro
Ser um preto tipo A custa caro, é foda
Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você. [20]

O termo periferia como posicionamento crítico-político foi uma das noções geográficas-identitárias de cunho popular mais importantes elaboradas recentemente no Brasil. "Central da Periferia", assim no singular, foi evidentemente uma expropriação cultural. De certa forma se refere à ascensão midiática dos invisíveis, mas sem a presença deles no comando. Hoje sabemos que foi uma forma de esvaziamento do teor político de uma contra-ideologia forjada pelo setor social mais vulnerável de todos na escalada da modernidade reacionária, a juventude negro-mestiça urbana.

20 https://www.youtube.com/watch?v=2LQSFLTiwS8. Consultado em 19 de julho de 2021.

Por mais que uma periferia, no singular, tenha sido rapidamente apreendida por grandes veículos corporativos de comunicação, especialmente o sistema Globo, que produziu programas de auditório, novelas e séries, ela ainda não foi explorada e esgotada nas suas várias semânticas e possibilidades criativas e identitárias nas bordas, onde surgiu.

A noção de periferias que trato aqui está profundamente relacionada ao processo de politização das culturas periféricas em São Paulo, advinda como discurso e comportamento coletivo característico de criadores/as e difusores/as do gênero de música REP (ritmo e poesia) e apropriada pelos produtores e ativistas culturais de todo o país desde o início da década de 1990. Eu e o professor doutor Amailton Magno Azevedo fizemos uma pesquisa de campo que resultou em livro não publicado sobre cultura Hip Hop e música REP (em português Ritmo e Poesia) na cidade de São Paulo, no âmbito do curso de graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo entre 1995-1997.[21]

21 AZEVEDO, Amailton Magno; SILVA, Salloma Salomão Jovino da. *Um mundo preto paulistano*. São Paulo: Aruanda Mundi, 1998.

Descrição: Antonio da Silva Pinto, Produtor cultural. Sueli Chan e Salloma. Festival Zumbi de Hip Hop, São Paulo, Zona Norte, 1998. Sueli foi fundamental na aproximação entre o Movimento Negro histórico, ou mais propiamente o Grupo MNU(Movimento Negro Unficado) de São Paulo e a cultura Hip Hop, especilmente o grupo DMN (Defensores do Movimento Negro) e Racionais Mc's, por volta de 1989, quando Chan era assessora de Paulo Freire, então secretário de Educação do Município de São Paulo. Chan e outras lideranças do MNU organizaram uma série de atividades nas escolas das periferias de São Paulo nos quais membros de grupos de Hip Hop ministravam rodas de conversa, palestras e faziam atividades artísticas. Ação similar foi liderada por Quincy Jones nos EUA visando a pacificação entre grupos jovens pobres rivais nas grandes cidades de lá. Autoria: Marco Aurélio Olímpio.

Penso que de fato um pensamento se faz luminoso quando alguém é capaz de captar o espírito de um tempo longo e de uma geografia igual, revelando um jeito muito especial e quase único de entender a complexidade. Um acadêmico negro pode parecer apenas um alvo fácil. Eu sempre levro minhas ervas e tomo cuidado com recalques juvenis. Stuart Hall avisa:

> Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não e simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, a ocupação dos de fora. E também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural. Não quero sugerir, é óbvio, que podemos contrapor a eterna história de nossa própria marginalização uma sensação confortável de vitórias alcançadas — estou cansado dessas duas grandes contra-narrativas. Permanecer dentro delas é cair na armadilha da eterna divisão ou/ou, ou vitória total ou total cooptação, o que quase nunca acontece na política cultural, mas com o que os críticos culturais se reconfortam.[22]

22 HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 172.

Cada dia se torna mais acessível a compreensão de como o racismo antinegro no Brasil funciona em termos da relação da sociedade hegemônica com as culturas negras. Em um dado momento do caminho como pesquisador, comecei a reparar na produção de um discurso sutil de exclusividade branca nos espaços de tradição religiosa de origem africana, na medida em que a aceitação dos valores civilizatórios ingressaram no repertório acadêmico e muitas vezes estiveram a serviço da legitimidade de uma vertente do estudos culturais no Brasil. Em *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira* Renato Ortiz já tinha se atentado para o fato de um avanço da classe média branca sobre as prática da umbanda.

Stuart Hall também tocou em algo semelhante no texto sobre cultura negra citado acima, embora tratando de forma genérica e partindo de outro contexto. Vejo duas complementaridades: a seleção específica de conteúdos negros para estampar as novas bandeiras da democracia racial e um aquisição de conteúdos afros, construção de um universo específico de cunho meramente mercadológico. Em ambos os espaços, a presença real ou virtual negra está consignada por mecanismos do poder branco concentrado e exclusivo.

Nós, negros, temos sido estrangeiros de porta dentro. Todas as lutas coletivas contra a escravidão e racismo têm esse ímpeto antinormativo que tenta frustar as forças e retroceder os dispositivos dos poderes para mudarem suas marcas para mais longe. No caso, essa parece ser uma das características das culturas emergentes e das formas culturais afro-diaspóricas. A cultura Hip Hop brasileira

emergiu num tempo em que os movimentos sociais urbanos, por meio dos partidos políticos, começaram a ser capturados pela institucionalização. O REP, do ponto de vista do discurso, e muitas vezes na prática, assumiu bandeiras abandonadas pelas formas mais populares de organização. Contudo, acrescentou uma inovação: primeiramente eram jovens negros e marginalizados falando e promovendo cultura para os seus iguais. Depois passaram cada vez mais a emitir juízo sobre a sociedade como um todo. A politização da juventude negra urbana construiu a base das mudanças culturais que estamos assistindo hoje, mesmo diante da contrarreforma conservadora representada pelo bolsonarismo.

Outra noção muito significativa surgida com a música do REP paulista veio na difusão do lema "Da ponte para cá", talvez aplicável apenas às características urbanas da cidade de São Paulo, por conta das suas especificidades históricas. "Da ponte para cá" é uma metáfora para se referir aos espaços segregados da cidade. São Paulo é delimitada por rios e córregos que desde a ocupação pelos povos originários funcionavam como marcos topográficos e indicavam os limites (in) transponíveis entre os diferentes espaços habitados. As musicalidades negras urbanas no Brasil, historicamente formuladas como sistemas de pensamento estético-políticos, têm sido fundamentais para a veiculação de noções de pertencimento e identidade.

Descrição: LF, Luis Fernando da Silva (DMN) e Pivete (Pavilhão Nove). Pivete era um dos organizadores dos Encontros Regionais de Cultura de Rua na Casa de Cultura de Interlagos entre 1991-1992, um evento mensal que reunia coletivos de Hip Hop de toda cidade de São Paulo e principalmente da zona sul. Os registros eram feitos por Angelo Flores e Salloma, com um gravador K7 de quatro pistas, no qual também eram gravadas demos/tapes de grupos do entorno. Autoria ignorada.

"Faz frio em São Paulo... pra mim tá sempre bom
Eu tô na rua de bombeta e moletom
Dim dim dom, rap é o som que emana do Opala marrom(...)"[23]

O REP transformou a cidade de São Paulo numa personagem mal-humorada e humana, uma cidade que se move, mas nunca muda. A urbanização soterrou muitas nascentes e canalizou córregos. A modernização reacionária na sanha dos filhos e netos dos banqueiros/fazendeiros e agiotas/construtores/engenheiros mandou construir pontes precárias com a finalidade de facilitar os deslocamentos dos trabalhadores recém-emigrados para as áreas industrializadas. As fábricas eram, na maioria das vezes, instaladas rapidamente nas margens dos rios (Pinheiros, Tietê e Tamanduateí), na parte interna da grande ilha de águas doces, hoje plenamente poluídas, da velha cidade de Santo Amaro[24].

Na zona sul, quatro pontes mais antigas separaram a periferia da área melhor servida de bens e serviços públicos e privados: Interlagos, Socorro, João Dias e Morumbi. Mais recentemente foram construídas as pontes Jurubatuba, às margens da represa Billings, na altura da bairro Pedreira; Transamérica, na altura de Santo Amaro; e a ponte que liga a zona desindustrializada da região ao

23 Trecho da letra. Capítulo 4 Versículo 3. Racionais Mc's. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

24 Santo Amaro é hoje um bairro muito vasto da zona sul da cidade de São Paulo, antes uma cidade fundada em 1835. Foi anexada a capital por um ato arbitrário do governo Getúlio Vargas em 1937 a mando do Interventor Estadual, o engenheiro Armando de Salles Oliveira.

Parque Burle Marx no limítrofe do bairro do Morumbi. Embora hajam zonas pobres e favelas da ponte para lá, a periferia efetivamente tem como limite o Rio Jurubatuba, hoje um modesto e poluído afluente do Rio Pinheiro[25].

O metrô de superfície foi construído pela iniciativa privada com dinheiro público, mas não tem escadas rolantes e nem elevadores como o da linha que serve a região de Pinheiros e Vila Madalena, e na sua primeira fase não possuía conexão com as demais linhas. Nascia quase no centro do bairro do Capão Redondo e tinha como limite o Largo Treze de Maio, na área central do antigo bairro/cidade de Santo Amaro. Durante as décadas de 1970 até 2000 os moradores de toda região da zona sul que precisassem se deslocar para a região norte, com a finalidade de acessar a estação Rodoviária Tietê, por exemplo, obrigatoriamente tinham que tomar várias conduções para alcançar o terminal do metrô no bairro Jabaquara.

Avalio que na minha geração, pessoas nascidas na década de 1960, pensávamos que nosso grau de integração à cidade poderia ser medido pela quantidade de vezes que atravessamos as pontes. A juventude da cultura Hip Hop tirou o véu que encobria nosso olhar de viés assimilacionista e, em certa medida, alienado. Nos mostrou um espelho duro de encarar sem meias verdades. Imagem sem poética dúbia que a elite cultural projetou sobre nós. Tudo bem sermos pobres, contanto que fôssemos a vanguarda da revolução popular que haveria de vir.

25 Jurubatuba era o nome nativo para o rio que foi rebatizado pelos colonizadores como Rio dos Pinheiros devido a presença de Araucárias na região.

Da ponte para cá o valor do aluguel e de um terreno ou casa, quanto mais distante do Largo Treze, é um pouco mais baixo. Várias políticas públicas de habitação foram construídas removendo os pobres do lado de lá e os arremessando para os fundos de Parelheiros, Jardim Ângela e Grajaú. Ainda nos anos 1970 os fundos do Campo Limpo e M'Boi Mirim se encontraram às margens empobrecidas das cidades de Taboão da Serra, Itapecerica, Embu-Guaçu e Embu das Artes. Pensando com Milton Santos, talvez a pobreza, por sua natureza mutante e fugidia, desconheça as fronteiras que delimitam umas e outras cidades, ela se assenta onde pode e dá. Seja morro ou ribeira, ribanceira ou várzea. Nós precisamos morar.

Parece possível afirmar que no Brasil, se não fosse a cultura Hip Hop e a música REP como vertentes mais atualizada dos Movimentos Negros, nossa cultura política seria muito pior. Ambos fizeram a consciência negra chegar em lugares sociais em que os ativismo negro convencional não chegava. A cultura de rua *linkou* experiências, estratégias e discursos do movimento histórico com vivências específicas de violência policial, leituras sociológicas e críticas da realidade juvenil urbana.

Para quem sabe ler teses e dissertações, ouvir Racionais M'cs, GOG, DMN, Bill, Facção, De Menos Crime etc. pode trazer uma percepção pouco usual e até dramática da realidade social brasileira vivida pelos pobres urbanos nos últimos cinquenta anos. Todo entendimento sofisticado da segregação, impotência, frustração, medo, sonhos de vitória estão condensados. Podemos definir

Descrição: Salloma e João Batista no colo. Praça do Carmelo. Passos-MG, provavelmente 1964. Moramos numa esquina da Rua Paraná, bairro da Bela Vista. Era uma casa feita de tijolinhos vermelhos bem queimados e furados, sem reboco. Na casa de fronte morava uma senhora branca chamada Alzira, que era amiga de minha mãe e cujos filhos pequenos, Suelen e Moisés (meus irmãos mais velhos o chamavam "Chikuta Pelado", aparentemente uma palavra com origem na África oriental) eram nossos amiguinhos. Pareciam estar, conforme a memória retida, constantemente nus e gripados. Autoria presumida José Antonio da Silva.

uma parte do fenômeno, ou ao menos seu primeiro ato, como Negro Drama[26].

Há muito tempo que a ilusão, a cidade-miragem Canaã acabou, talvez nem tenha existido de fato. Mas não sou eu quem vai te explicar o que ficou no lugar. Você já viu coisas críticas sobre isso até mesmo na novela das nove. A cidade aqui tem sido dividida em bairros de mansão, bairros de sobrado e favela clássica. Só quem tem as lentes certas pode ver as gradações entre essas modalidades. Estamos separados, segregados por cor, raça, direitos, privilégios e prestígios. Tire a venda dos olhos e verá.

Alguém pode pensar que aqui é só mais um negão recalcado, que cismou que aprendeu a ler e escrever de forma ácida. São Paulo é um caldeirão e eles, até bem pouco tempo, calculavam a quantidade de fogo para nos tisnar. Funis para descompressão de quando em vez, mas a panela ainda não atingiu sua pressão máxima.

Aqui em São Paulo parecem ter sido aprimorados os mecanismos de apartação, segregação, discriminações negativas, inscritas ou não nas normas jurisdicionais republicanas, com seus sistemas de privilégios e legitimações raciais.

É o que se viu, sentiu e às vezes narrou Lima Barreto sobre a instauração da República. Muito soldado raso e

26 "Negro Drama" é uma das canções do grupo Racionais Mc's, gravada no disco *Sobrevivendo no Inferno* de 1997. No meu entendimento é uma espécie de tratado filosófico sobre as desigualdades sociais recorrentes e do racismo estrutural antinegro e anti-índio, entendidos como elementos fundantes da sociedade brasileira tal como ela se apresenta na contemporaneidade.

pouca gente cidadã. Ainda que estejamos fincados na nossa ex-província colonial, ensaiamos uma leitura/escrita efetivamente internacionalista do Racismo Mundial Antinegro, assim como do Antirracismo planetário. Minha aldeia está no mundo, eu posso senti-lo.

Por antirracismo pondero a existência de práticas políticas de reversão interpretativas de três fenômenos mundiais recentes na história humana: o tráfico negreiro, a escravidão racial negra e a formação dos estados nacionais, que conhecemos como países. Talvez as primeiras das tais práticas reversivas tenham sido as lutas pelos abolicionismos do tráfico, uma mobilização de negros e brancos desde o século XVIII, mas enfatizo pessoas de origens africanas que assumiram tal tarefa dentro de suas possibilidades. Evoco aqui a figura de Olaudah Equiano, ou Gustavus Vassa[27]. Creio que vale muito enunciar esse desconhecido homem negro de origem na atual Nigéria, capturado na *Iorubalândia* (país dos Iorubá) e vendido nas Américas, que ao lado de *quackers* ingleses criou as bases filosóficas-morais do antiescravismo mundial. A primeira vitória contra o tráfico e a escravidão negra não foi de natureza política, mas de cunho moral. E não foi menos importante por isso.

27 EQUIANO, Olaudah. *The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African. Written by Himself*. 1. ed. Estados Unidos: University of North Carolina at Chapel Hill, 2001. Vol. I: Edição eletrônica.

As pessoas negras da diáspora[28], contudo e via de regra, foram consideradas inaptas para serem cidadãs nacionais nas antigas sociedades coloniais. Contra elas se pensou todo tipo de solução: desaparecimento lento, genocídio aberto, miscigenação regenerativa da brancura, envio direto para a África. Todas as nações racistas tiveram suas experiências mais ou menos bem-sucedidas. A Libéria é um exemplo. Mas agora não vem ao caso. Dê uma busca no Google.

Não obstante, em todos quadrantes das Américas no final do século XVIII, as intelectualidades negras se esmeraram em elaborar conceitos filosóficos e resumos éticos, assim como estratégias e práticas de lutas políticas apontando os prejuízos, desigualdades e culturas de violência. Mesmo estando diante de gigantes corporativos, engenharias imperiais e forças poderosíssimas, lutaram e deixaram registros. Os movimentos negros são, portanto, ensejos de cidadania e reparação com ampla repercussão social não midiática. São puras expressões de memórias

28 Diáspora é um termo de origem grega aplicado em textos canônicos escritos nessa língua à dispersão dos judeus pela África, Oriente Médio e Europa nos tempos iniciais do cristianismo. No século XIX ativistas negros e negras adotaram esse termo como analogia à dispersão forçada de milhões de africanos durante o tráfico negreiro. No meu entendimento e pesquisas, no Brasil, o primeiro a utilizar este termo em textos escritos, assim como conceitos intelectuais da negritude mundial, foi Abdias do Nascimento, em 1966, em texto-protesto não publicado de contestação aos critérios governamentais aplicados na seleção de artistas para participação brasileira no Festival de Dacar. Localizei em Hamilton Pereira em 1977, em artigo publicado no *Jornal Versus*.

fragmentárias e, por vezes, códigos comunicacionais de baixa visibilidade transnacional.

As mídias e sistemas de informação, quase sempre controladas pelas corporações privadas, de expressão *brancocêntrica*, ao mesmo tempo que alimentam as hierarquias raciais, tornam ainda mais legítimos, opacos ou incompreensíveis os sistemas raciais de opressão. Algoritmos de programação eugênica estão em operação em várias camadas das redes sociais, influenciando tanto o mundo do consumo, como decisões importantes ao nível dos sistemas políticos convencionais e incógnitas. O maestro Milton Santos, um cientista social negro brasileiro, academicamente marginalizado no Brasil, mas mundialmente respeitado, fez essa diferenciação e atestou que:

> A informação, ela transporta os vetores da racionalidade, do pragmatismo, ela exclui a emoção e, por conseguinte, ela retarda a produção das ideias; enquanto que a comunicação resulta das temporalidades diversas, múltiplas, que marcam a existência de cada um de nós. Quanto mais diversas as temporalidades práticas dos indivíduos, quanto mais diferentes eles forem, maior a riqueza da produção de ideias sobre a vida num lugar.[29]

Parte daquilo que tem sido exibido publicamente como inadequação e incapacidade de adaptação de pessoas ou grupos inteiros são insistentes temporalidades não submetidas completamente aos regimes de opressão

29 SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 181.

cultural. O domínio reclama publicamente dos comportamentos insubmissos. É no sujeito individual ou social tido como menos apto às mudanças que temos que concentrar nossa capacidade interpretativa para que nossa imaginação escape da tendência normalizadora dos discursos e das formas de existir. Não se trata daquela resistência clássica como ato político completamente consciente. Mas de uma recusa ao adestramento e à pressão da normatividade avassaladora das diferenças que caracteriza o tempo presente.

Agora falo de uma forma cultural múltipla adensada por práticas culturais *afro-indígenas* e de brancos pobres no fazer de uma São Paulo praticamente invisível. Valores, conhecimentos e hábitos disseminados em amplas faixas da região sudeste do país. Algumas dessas paisagens culturais foram percebidas por folcloristas e jovens pesquisadores paulistas nos arredores de São Paulo em meados do século XX, que de certa maneira confirmavam o que já havia sido intuído por viajantes como Auguste Saint Hilaire[30] no século XIX. Em resumo: são casas de pau e barro da arquitetura vernacular africana, fornos com aproveitamento de cupinzeiros, ranchos de varapaus cobertos de capim, cestarias, máquinas de tear, plantações de algodão. Autonomia, interdependência e relações de reciprocidade e comunitarismo.

Podemos tratar de um conjunto de inovações culturais cujas fontes sãos culturas afro-caipiras residuais observando os conteúdos estéticos, contornos discursivos, os valores éticos da cultura Hip Hop no Brasil, da qual jovens oriundos da zona sul de São Paulo têm dado régua

30 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da província de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, 2002.

e compasso. De Racionais Mcs até Crioulo, de Pentágono até Rael, passando por Sabotage e as suas conexões com o as formas do samba periférico, também conhecido como pagode. Culturas marcadas pela provisoriedade, marginalização urbana e improviso.

Quando acrescentamos ao Hip Hop renovador a geografia dos saraus, temos uma continuidade cultural com a duração de 30 anos. Há quem pense que os saraus da quebrada criados e disseminados pelo país a partir da zona sul de São Paulo seja um movimento literário. Também o é, mas é muito mais: é efetivamente um novo tipo de ativismo com formato artístico, mas com dimensões políticas, econômicas e culturais muito enraizadas e profundas na lugaridade e no território, justamente porque suas agências são criticamente autônomas. Filhos, filhas, netos e netas de migrantes arrastados para por uma visão idílica de Canaã industrial, que excluídos da cidade-símbolo, da urbanidade modelar, pela modernidade excludente, redescobriram-se negros, índios, mamelucos, cibernéticos, pós-modernos, como Dêssa Souza e Sergio Vaz.

Quando o mundo semi-rural dos arredores da metrópole começou a ser atravessado pela periferia expandida, os trinetos dos prussianos acaipirados e os descendentes de mineiros e nordestinos pretos se reconheceram nos festivais de escolas, nas festinhas das sociedades amigos de bairro, na fila do ônibus do Largo Treze de Maio. Os favelados vieram para os limites de São Paulo, onde tinha terreno para ocupação barata. A favela invadiu a roça, sem mediação. Nosso maestro negro primoroso descreveu o processo abstratamente, nós o vivemos na sua total concretude.

> Esse conjunto de processos traz às cidades numerosas levas de habitantes que se instalam como podem e, via de regra, terminam por se aglomerar nas enormes periferias desprovidas de serviços e onde o custo de vida, exceto o da habitação assim conquistada, é mais caro nas áreas centrais. (...) Uma das razões pelas quais os pobres tendem a não se fixar, sendo levados para as localizações sempre mais periféricas, vem dos custos dos serviços. (...) Pobreza e periferização aparecem como dois termos e duas realidades interligadas.[32]

Os estudiosos dos anos 1950 que confrontavam o desenvolvimento econômico dos bairros rurais paulistas, como Santo Amaro e Itapecerica, com as áreas da cafeicultura, imediatamente passaram a interpretá-las como zonas anti-modernas, vistas como um grande impeditivo para a plena instalação da sociedade de mercado que vigorava nas cidades ligadas no eixo Jundiaí/Campinas e Vale do Paraíba. A partir de então uma série de estudos e a ampla campanha de modernização reacionária foi elaborada em termos de combate ao atraso e liberação do caminho para o chamado "progresso", aquele lema escrito na bandeira nacional.

Pode-se dizer, ainda aderindo criticamente ao pensamento de Milton Santos, que em São Paulo houve um esforço racional constante das elites brancocêntricas para gerar uma população homogênea branca, e mesmo a historiografia paulista mais conservadora trata disso à

32 SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa, fragmentada*. São Paulo: EDUSP, 2009. p 55-56

Descrição: Sérgio Vaz, poeta, liderança social/política e produtor cultural. Editor de literatura e incentivador de escrituras criativas. Um dos co-fundadores do Movimento Cultural Cooperifa a partir do Bar do Zé Batidão. Numa zona de fronteira da Chácara Santana, numa encruzilhada, ponto alto e estratégico do "Quebrada Sul"[31] da Sampa Mundi, precisamente situada entre o Jardim São Luís, Parque Santo Antônio, Piraporinha e Jardim Thomas. Mostra Cultural da Cooperifa, Salloma, 2016.

31 Esse termo foi utilizado pelo poeta, fotógrafo e *filmmaker* Daniel Fagundes (Caramuja), segunda geração de artistas engajados das periferia sul. Filho da artesã Mônica Fagundes e do compositor Kroço.

custa de tecnologias eugenistas que foram aplicadas de diferentes formas na saúde pública, segurança, educação e ocupação do território ao longo século XX. Só um humanista negro, em função da aquisição do conhecimento e de sua conversão em ferramenta de desvelamento de tudo que é desumano, poderia nos mostrar o que nos causa dor ao olhar. Santos coloca a cripta urbana paulista nos seguintes termos:

> A oposição entre a cidade visível e a cidade invisivel, subterrânea é chocante. A paisagem urbana se estende muito mais depressa do que os serviços destinados a assegurar uma vida correta à população. Desse modo a parcela maior da sociedade urbana, em grau mais ou menos grande, fica excluída dos benefícios do abastecimento de água, dos esgotos, do calçamento, dos transportes etc. Eis aí , também, um dos aspectos mais chocantes dos contrastes entre centro e periferia. (...) Por volta de 1973, 90% de todos os investimentos feitos na cidade incidem sobre o centro expandido. [33]

Algumas dessas políticas se tornaram autônomas em relação a comandos e continuam em vigência nos dias atuais. De outro lado, a província e o estado receberam dois afluxos populacionais negros que jamais foram considerados do ponto de vista cultural: um do tráfico interno entre 1840, na decadência das fazendas de açúcar nordestinas, e outro em 1880, quando os fazendeiros do sul

33 Idem, p. 60.

começaram efetivar a transição para o "branqueamento do trabalho". Aliás, como teria afirmado o excelente trabalho do pesquisador afro-paulista Ramatis Jacino[34].

A população negra paulista atual tem esses resquícios antigos, mas é sobretudo um caldeirão cultural de um caldoso fluxo de 35 anos ininterruptos de drenagem demográfica, que fez de São Paulo o centro econômico do país. Canaã dos trópicos. Milton Santos, embora raramente tenha tratado da questão racial e cultural ao se ater às formações das cidades brasileiras, me tem sido muito rico na interpretação das mudanças estruturais e, por conseguinte, de resvalo às transformações socioculturais, em se tratando da região metropolitana de São Paulo.

> Os mais pobres, pelo seu baixo poder aquisitivo, têm menos acesso às formas modernas de comercialização, que exigem dinheiro líquido ou crédito formal. Sua localizaçao na cidade também reduz essa acessibilidade. Utilizam-se assim, de circuitos menos modernos e menos capitalistas de distribuição e frequentemente recorrem às formas mais simples, que incluem as vendas a crédito informal, o conhecido 'fiado', que não desaparece na cidade porque nela os pobres não param de se instalar.[35]

Santos ilumina com visão panorâmica e situa de maneira crítica as práticas antigas de relações diretas e fundamentadas na confiança mútua, que sobreviveram

34 JACINO, Ramatis. *O branqueamento do trabalho*. São Paulo: Nefertiti, 2008.

35 SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 98.

a modernização perversa, tal como ele mesmo designa o caso e o padrão brasileiro de inserção nos circuitos mundializados de bens e serviços. Mas há ainda outras historicidades e continuidades culturais dos caipiras pretos que esse livro quer alcançar e tornar mais evidentes.

Historiadoras de alto nível formativo e intelectual para leitura de documentos da oficialidade administrativa, porém com poucas ou nenhuma leitura de conteúdos culturais africanos, arrolaram provas irrefutáveis de materiais centro-africanos em tais suportes, sem contudo poder abrir os signos, mesmo que de forma superficial. E não são exatamente segredos, mas artifícios encantados, oráculos diante dos quais é necessário reconhecer a arrogância e alguma entrega de devoção.

Em um desses documentos, uma mulher centro-africana, autodefinida como Conga, vendida de Minas Gerais para a cidade de São Paulo, evoca as divindades cristãs e centro-africanas como *Zâmbi a Pungo* para tentar contato com o marido e filho que teriam ficado em Minas Gerais. A pesquisadora[36] encontrou conteúdos sobre utilização da escrita como estratégia de comunicação entre iletrados, mas diz quase nada sobre o rastreamento de práticas religiosas de pessoas de línguas e culturas bantas em São Paulo na segunda metade do século XIX.

36 Veja: WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Teodora Dias da Cunha: construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão*. Disponível em: https://www.academia.edu/7151243/Teodora_Dias_da_Cunha_construindo_um_lugar_para_si_no_mundo_da_escrita_e_da_escravid%C3%A3o. Acesso em: 28 set. 2021.

Mesmo um pesquisador enciclopédico como Mário de Andrade, que tanta coisa escavou entre os escombros da modernidade paulista, pareceu não ter tido a força ou coragem necessária para embater seus contemporâneos, dizer que suas descobertas haviam revelado uma ramificada, caudalosa e profunda cultura centro negra-africana na província. Felizmente seus registros organizados por Oneyda Alvarenga e Ruth Guimarães ainda podem ser acessados, escaneados e certamente hão de resultar em novas descobertas.

Aqui quero visualizar algo que Robert Slenes[37] não poderia lidar, embora sua contribuição tenha sido enorme a uma historiografia paulista quase sempre racista e recorrentemente conservadora: os amálgamas entre saberes africanos e indígenas, mediados pela violência dos padrões cristãos ibéricos desde fins do século XVIII. Aqui onde a presença demográfica negra no território seria até considerada insignificante do ponto de vista numérico, mas era não inexistente.

Quando Slenes fala pouco sobre a solidariedade existente entre pessoas escravizadas nas senzalas deixa vazar de forma não intencional dados que em tudo iluminam e fortalecem as memórias orais trazidas e narradas pelas famílias negras, nesse caso meus pais, especialmente minha mãe Donana. Mas, precisei confirmar nos escritos daquele historiador branco estadunidense, que a oralidade negra contemporânea cotizada por uma historiografia não racista pode desvelar muito da experiencia negra pós escravidão.

37 SLENES, Robert. *Na Senzala uma flor. Esperança e recordações na formação da família escrava*. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

Talvez até mais do que uma certa antropologia comprometida com manutenção das hierarquias raciais. De um lado é importante saber quanto da nossa imagem social tem sido moldada por olhares brancos viciados, de outro, perguntar sobre as possibilidades de interpretar nossas próprias experiências de uma forma não romantizada.

Justamente por ser uma zona pobre e empobrecida constantemente ao longo do século XIX e XX, o lado sudeste da província paulista reteve sitiantes brancos pobres, descendentes de indígenas aldeados quase embranquecidos e descendentes de africanos subsumidos, mas culturalmente resistentes, resguardado de modernização reacionária justamente porque era quase desimportantes e *seminvisíveis*.

Claude Lévi Strauss[38], recém-chegado ao Brasil nos anos 1940, viu populações negras com os olhos da própria lente tecnológica da época: uma máquina fotográfica. Entendeu algo sobre as camadas de passado brotando do chão e a ansiedade modernizadora das elites na arquitetura da cidade de São Paulo e nos seus arredores. Ao lado de Mário de Andrade, passeando pelo centro da cidade e se deixando ficar pelos bairros rurais, fez registros excepcionalmente plásticos e raros da paisagem geográfica e da cultura. São dele as fotografias impressionantes de grupos de peregrinos pobres e devotos acampados em tendas simplórias nas beiras do Rio Tietê. Iam para lá a cavalo, charrete, caminhão e principalmente a pé.

38 STRAUSS, Claude Lévi. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Descrição: Donana, Maria da Penha, primeira esposa de José Antônio e os filhos deles, Jean Pierre Serapião da Silva, Jeane Serapião da Silva, entre ambos, Daniel Jovino. Provavelmente em 1968. Observe quantas plantas ornamentais. Minha mãe tinha dedo verde e nada do que ela plantava morria. Habitualmente conversava com as plantas e colocava nomes de pessoas nelas. Posam em frente à casa comprada por Regina Antônia, na rua Paraná, bairro Bela vista. A primeira casa própria ocupada pela família Jovino. Regina fez um pecúlio durante dois anos trabalhando em São Paulo. Autoria presumida: José Antonio da Silva, Dedé.

Aos magotes iam e vinham para Pirapora de Bom Jesus pagar promessas e festejar em família, onde velhos e crianças se lançavam em picadas e estradinhas sem pavimento asfáltico, brotando forros de diferentes pontos das cidades de São Paulo, Barueri, Itapevi, Jandira, Carapicuíba, Sorocaba, Jundiaí, São Roque, Embu, Itapecerica e Miracatu. Gente pobre, mas ainda não miserável. Gente bela e forte *negro-mestiça* paulista em seu mais pleno vigor sociocultural na festa de Pirapora do Bom Jesus. As imagens legadas por um estrangeiro coincidem com as memórias descritas por um ativista e artista negro paulista, Geraldo Filme.

À margem do lendário Tietê
Uma nova cidade surgiu
De toda parte vinha romaria
Festejar o grande dia
E cantar em seu louvor
Trazemos nesta avenida colorida
Festa do povo e costumes tradicionais
Dar ao povo o que é do povo
O que fazemos neste carnaval
Pirapora, ê! Pirapora, ê!
Bate o bumbo nêgo
Quero ouvir o boi gemer
Lá no jardim era festa de branco
A banda tocava um dobrado
As negras gritavam pregões
E as moças casadoiras procuravam namorado
No barracão a raça sambava a noite inteira
Batia zabumba, jogava rasteira

Ô, oôoô, cantando alegre a loa de um trovador
Tem branco no samba? Tem sim senhor
Ele é batuqueiro, Sandinha, ou é cantador?
Pirapora, ê! Pirapora, ê!
Bate o bumbo nêgo
Quero ouvir o boi gemer.[39]

Pirapora de Bom Jesus, antes da invenção da cidade de Aparecida do Norte como centro de turismo religioso, era a localidade mais efusivamente festiva, marcadamente afro-indígena e popular de todo o estado. Enquanto a elite maquinava a industrialização do trabalho, estes outros estavam afrontosamente livres por uma longa semana. Cantando e bebendo, rezando e tocando bumbos, pandeiros, cavacos. Rezando para a Mãe Senhora de Pirapora e para uma estranha divindade conhecida nas tradições afro-brasileiras como *Samba*.

Nos anos 1960, quando a pobreza *semi-rural* começou a se transformar em miséria urbana, eles fugiram para mais longe ou se camuflaram na paisagem rural-periférica, juntamente com os recém-chegados do êxodo.

Experiência de vida, pesquisa de campo, observação poética e crítica do cotidiano, leituras escolares, prosas aleatórias. Dentro da ética de intelectual público, tudo aqui vale como subsídio para reflexão e embates. Educação escolar, movimentos sociais, grupos de pesquisadores com locais, interação acadêmica marginal, escritos em rabiscos e garatujas incompreensíveis, cantigas em boca

39 FILME, Geraldo. *A música brasileira deste século, por seus autores e intérpretes*. SESC: São Paulo, 2000.

a boca, discos de vinil, CDs, DVDs, lendas, causos, quedas internas, medos reais, traumas de infâncias, recalques, frustrações, raivas, vinganças, todos os motivos estão aqui, se você puder ler.

O que se viu foi o vigor da cultura caipira assentada nas experiências milenares indígenas, nas sapiências afro-quilombolas e na autonomia de gente mestiça, quase branca, quase sempre pobre durante os impactos e resistências à violenta urbanização no século XX. Não como etnicidade, como quiseram fazer crer alguns antropólogos continuadores do discurso branco e homogêneo da paulistanidade prevista. Quase nunca pronunciado como identidade regional, como se pretendeu, mas como culminância de assentamento de um longo processo civilizatório, plural, dinâmico e marcado pela incompletude.

Apesar da constante tentativa de se construir, de um lado, uma memória bandeirante e, de outro, uma retórica eugenista e germânica, o que se vê por detrás de uma narrativa que apregoa um desenvolvimento econômico-industrial, nós sabemos que a riqueza material da metrópole nunca foi além das pontes. Trata-se, sobretudo, de um sonho frustrado das elites locais, ou de uma parte mais evidente dos seus desejos de ver ampliado o seu próprio poder, prestígio e mando.[40]

40 Um exemplo de falsificação da memória é a tese de doutorado do ex-prefeito (1997-2004) da cidade de Itapecerica. Ele próprio foi responsável pela instalação de um Museu de Memória tratando a colonização alemã e de autoelogio ao seu pai, que também foi prefeito da cidade antes dele. Veja: http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2587. Consultada em 12 de setembro de 2021.

Descrição: Salloma e Satranga de Lima (Ourival Carolino de Lima), natural de Braúnas-MG, morador do Valo Velho. Festival da Canção da cidade de Americana-SP, 1982. Satranga foi o segundo parceiro musical de Salloma. Formaram uma banda chamada Circo Novessencia e fizeram shows e festivais estudantis em escolas, igrejas e bibliotecas públicas, nas cidades do interior de SP, com artistas como Marlene Miranda, Marco Boca, Nei Capenga, Luis Rosa de Freitas, Ramiro Jr e Edu Shcultz. Autoria: Acervo da Prefeitura Municipal de Americana, Assessoria de Imprensa.